

2º Ciclo

Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no
Ensino Secundário

**Ilustração e Interpretação Visual do conto “A verdadeira
História dos Três Porquinhos por A. Lobo tal como foi contada
a jon Scieszka”. Uma Análise Artística e Pedagógica.**

Sebastião José Fernandes Peixoto

2024

Sebastião José Fernandes Peixoto

“Ilustração e Interpretação Visual do conto “A verdadeira História dos Três Porquinhos por A. Lobo tal como foi contada a Jon Scieszka”. Uma Análise Artística e Pedagógica”
Relatório de Estágio apresentado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (FPCEUP) e Faculdade de Belas Artes (FBAUP) da Universidade do Porto para obtenção do grau de Mestre em Ensino das Artes Visuais no 3º. Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

Orientador: Professor Doutor Henrique Vaz

Professora Cooperante: Maria Goreti Duarte

Escola Secundária D. Maria II (Agrupamento de escolas D. Maria II) em Braga.

Agradecimentos

Agradeço ao Professor Dr. Henrique Vaz pelos seus preciosos comentários e disponibilidade e à Ana pela ajuda que m deu.

Deixo um agradecimento especial Goreti, professora cooperante e aos alunos pela forma como me receberam e com quem muito aprendi.

Resumo

O presente relatório intitulado “Ilustração e Interpretação Visual do conto “A verdadeira História dos Três Porquinhos por A. Lobo tal como foi contada a Jon Scieszka”. Uma Análise Artística e Pedagógica.” decorre do Estágio Pedagógico realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, em parceria com a Faculdade de Belas Artes, da Universidade do Porto, no ano letivo de 2023/2024.

Desenvolvi uma proposta de ilustração e a sua especificidade no contexto das artes plásticas, com a finalidade de dar a conhecer aos alunos as potencialidades desta prática e de lhes fornecer as ferramentas necessárias para comunicarem eficaz e criticamente através da ilustração.

O estágio decorreu no Agrupamento de Escolas D. Maria II em Braga, com uma turma de 11.º ano na disciplina de desenho A, Artes Visuais do curso científico-humanístico. Desenvolvi uma proposta sobre a ilustração e a sua especificidade no contexto das artes plásticas, com o objetivo de sensibilizar os alunos para as suas potencialidades e dar-lhes as ferramentas necessárias para comunicarem eficazmente através do desenho.

Este estágio, além de ter permitido refletir sobre conceitos teóricos sobre ilustração e de desenvolver uma proposta didática, concedeu-me a oportunidade de consolidar conhecimentos para a minha prática como professor e ilustrador. Foi também, de acordo com o feedback que recebi, uma proposta à qual os alunos se entregaram com entusiasmo e, pelos trabalhos realizados, solidificaram aprendizagens.

PALAVRA-CHAVE: Ensino de Artes Visuais, Pictorial turn, Ilustração, Desenho.

Abstract

This report, entitled "Illustration and Visual Interpretation of the story "The True Story of the Three Little Pigs by A. Lobo as told by Jon Scieszka". An Artistic and Pedagogical Analysis." stems from the Pedagogical Internship carried out as part of the Master's Degree in Visual Arts Teaching in the 3rd Cycle of Basic Education and Secondary Education, of the Faculty of Psychology and Educational Sciences, in partnership with the Faculty of Fine Arts, University of Porto, in the 2023/2024 academic year.

The internship took place at Agrupamento de Escolas D. Maria II in Braga, with an 11th grade class in drawing A, Visual Arts from the scientific-humanistic course. I developed a proposal on illustration and its specificity in the context of the plastic arts, with the aim of making students aware of its potential and giving them the tools, they need to communicate effectively through drawing.

I developed a proposal on illustration and its specificity in the context of the plastic arts, with the aim of introducing students to the potential of this practice and giving them the tools, they need to communicate effectively and critically through illustration.

As well as allowing me to reflect on theoretical concepts about illustration and develop a teaching proposal, this internship gave me the opportunity to consolidate knowledge for my practice as a teacher and illustrator.

It was also, according to the feedback I received, a proposal to which the students were enthusiastic and, through their work, solidified their learning.

KEYWORDS: Teaching Visual Arts, Pictorial turn, Illustration, Drawing.

Résumé

Ce rapport, intitulé "Illustration et interprétation visuelle du conte "La véritable histoire des trois petits cochons d'A. Lobo racontée par Jon Scieszka". Une analyse artistique et pédagogique ", est issu du stage pédagogique réalisé dans le cadre du Master en enseignement des arts visuels dans le 3e cycle de l'éducation de base et de l'enseignement secondaire, de la Faculté de psychologie et des sciences de l'éducation, en partenariat avec la Faculté des beaux-arts de l'Université de Porto, au cours de l'année académique 2023/2024.

Le stage s'est déroulé à l'Agrupamento de Escolas D. Maria II à Braga, avec une classe de 11ème année en dessin A, Arts Visuels du cours scientifique-humaniste. J'ai développé une proposition sur l'illustration et sa spécificité dans le contexte des arts plastiques, dans le but de sensibiliser les élèves à son potentiel et de leur donner les outils dont ils ont besoin pour communiquer efficacement par le dessin.

J'ai développé une proposition sur l'illustration et sa spécificité dans le contexte des arts plastiques, dans le but d'introduire les étudiants au potentiel de cette pratique et de leur donner les outils dont ils ont besoin pour communiquer de manière efficace et critique par le biais de l'illustration.

En plus de me permettre de réfléchir à des concepts théoriques sur l'illustration et de développer une proposition d'enseignement, ce stage m'a donné l'occasion de consolider des connaissances pour ma pratique d'enseignante et d'illustratrice.

C'est aussi, d'après les retours que j'ai reçus, une proposition qui a enthousiasmé les étudiants et qui leur a permis, par leur travail, de consolider leur apprentissage.

MOTS-CLÉS: Enseignement des arts visuels, tour pictural, illustration, dessin

Abreviaturas

FPCEUP - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

FBAUP - Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

MEAV - Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

AEDMARII - Agrupamento de escolas D. Maria II

AE - Aprendizagens Essenciais

PASEO - Perfil do aluno à saída da Escolaridade Obrigatória

Índice

Introdução	12
Capítulo I.....	14
1.1 Enquadramento Contextual do Estágio Pedagógico.....	14
1.1.2. caracterização da Escola.....	14
1.2. Caracterização da Turma do 11º G de Artes Visuais.....	17
CAPÍTULO II.....	19
2.1. Fundamentação Teórica: Importância da Ilustração no ensino, Ilustração, Desenho, Disciplina de Desenho A e Cultura Visual.....	19
2.1.1. Importância da Ilustração no ensino.....	19
2.2. ILUSTRAÇÃO.....	20
2.3. “The pictorial turn”	22
2.3.1. Ilustração Editorial.....	24
2.3.2. Ilustração de Publicidade.....	28
2.3.3. Ilustração para Livros.....	29
2.3.4. Ilustração para embalagens.....	32
2.3.5. Ilustrações de Cartazes.....	33
2.3.6. Ilustração Científica.....	35
2.4. Desenho.....	37
2.5. Disciplina de Desenho A.....	39
2.6. Cultura Visual.....	42
CAPÍTULO III.....	45
3.1. Planificação da proposta de trabalho.....	45
3.2. Motivações Pessoais e Relevância do Tema.....	46
3.3. As Aprendizagens essenciais, de acordo com o documento produzido pela Direção Geral de Educação.....	46
CAPÍTULO IV.....	50
4.1. Desenvolvimento da Proposta.....	50
4.2. A escolha do texto.....	55
4.3. Escolha dos Materiais.....	57
4.3. Planificação das Aulas.....	58
4.4. Avaliação.....	63
4.5. Trabalhos finais dos alunos.....	65

CAPÍTULO V- Considerações finais.....	73
5.1. Sobre a responsabilidade profissional	73
5.2. Sobre a participação/intervenção na escola	75
5.3. Sobre a participação em contexto de sala de aula.....	76
BIBLIOGRAFIA.....	79
Documentação consultada.....	81
Anexos.....	82

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1. Texto.....	82
Anexo 2. Guião da Proposta didática.	85
Anexo 3. Grelha de avaliação.....	90
Anexo 4. Critérios de Avaliação de Desenho do 11ºano.	91
Anexo 5. Oferta Educativa Ano lectivo 2024/2025.	92
Anexo 6. Parque Escolar D.Maria II.	97

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Componentes de ilustração em resumo. Quadro por Jaleen Grove.	22
Quadro 2. Áreas, conteúdos e temas (10º, 11º e 12ª anos).....	40

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Pátio Interior.	16
Figura 2. Entrada da Escola D. Maria II.	16
Figura 3. Pátio Superior.	17
Figura 4. Laboratório.	17
Figura 5. Hall de Entrada.	17
Figura 6. Biblioteca.	17
Figura 7. Aspecto da sala de Desenho.	17
Figura 8. André Carrilho, NewStatesman.	26
Figura 9. Luca D'Urbino, The Economist.	26
Figura 10. Ard Su, The New Yorker.	27
Figura 11. Melinda Beck, Starford Medicine.	27
Figura 12. Javier Jaén, The New York Times.	27
Figura 13. Javier Jaén, Barron's.	27
Figura 14. Jack Sachs, New York Times.	28
Figura 15. Emiliano Ponzi, La Repubblica.	28
Figura 16. Sebastião Peixoto, Jornal Público.	28
Figura 17. Amalia Mora, Barilla.	29
Figura 19. Andrew Selby, Netherland Cycle Networking.	30
Figura 18. Studio Takeuma, Craft Beer Base.	30
Figura 20. James Young. Viking for Kids.	31
Figura 21. Marta Madureira, APCC.	31
Figura 22. Sara Fanelly, Walker Books.	31
Figura 23. Yevgenia Nayburg, Mona Lisa in New York, Prestel.	32
Figura 24. Gêmeo Luís, 100 Mistérios.	33
Figura 25. Nicholas Cheng, Taiwanese Oolong Tea.	33
Figura 26. J. Howard Miller. Nacional Museum of American History.	34
Figura 27. Sebastião Peixoto, Revista Visão.	34
Figura 28. Owen Davcy, Larmer Tree Festival.	35
Figura 29. Bráulio Amado. The Rolling Stones.	35
Figura 30. David Habben, OnStage Ogden.	35
Figura 31. Pedro Salgado.	36
Figura 32. Fernando Correia, Ramo de Folhado.	37
Figura 33. Jane Hurd, normal bacteria of the colon.	37
Figura 34. Peter Cull, dissection of the face.	37
Figura 35. Exemplo de uma variedade compositiva.	52
Figura 36. Esquema de Planificação.	53
Figura 37. Exemplo de Storyboard.	53
Figura 38. Esboços de Paula Metcalf.	54
Figura 39. Paula Metcalf.	54
Figura 40. Trabalho realizado por aluna A.	67
Figura 41. Trabalho realizado por aluna B.	68
Figura 42. Trabalho realizado por aluna B.	68
Figura 43. Trabalho realizado por aluna C.	68

Figura 44. Trabalho realizado por aluna C.	68
Figura 45. Trabalho realizado por a aluna D.	69
Figura 46. Trabalho realizado por a aluna D.	69
Figura 47. Trabalho realizado por aluno E.	69
Figura 48. Trabalho realizado por aluno E.	69
Figura 49. Trabalho realizado por aluna F.	70
Figura 50. Trabalho realizado por aluna F.	70
Figura 52. Trabalho realizado por aluna G.	70
Figura 51. Trabalho realizado por aluna G.	70
Figura 54. Trabalho realizado pelo aluno H.	71
Figura 53. Trabalho realizado pelo aluno H.	71
Figura 55. Trabalho realizado por aluna I.	71
Figura 56. Trabalho realizado por aluna I.	71
Figura 58. Trabalho realizado por aluna J.	72
Figura 57. Trabalho realizado por aluna J.	72
Figura 59.	73
Figura 60.	73
Figura 61.	73
Figura 62.	73
Figura 63.	73
Figura 64.	73

Introdução

O presente relatório foi elaborado no âmbito do estágio pedagógico do curso de Mestrado de Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do ensino Básico e no ensino Secundário, pela Faculdade de Ciências da Educação e Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, da qual sou licenciado em artes plásticas-Pintura.

O estágio pedagógico foi desenvolvido na Escola secundária D. Maria II (sede do agrupamento de escolas D. Maria II) em Braga.

No primeiro capítulo fiz a caracterização da escola e da turma com o objetivo de explicitar o contexto onde o estágio foi desenvolvido.

Tive opção por escolher várias turmas, mas optei pela turma do 11º ano de Desenho A.

Depois de várias tentativas em definir a minha proposta, optei pela ilustração, porque além de ser a minha área profissional, sabia que os alunos não tiveram nenhuma experiência e contacto com a ilustração e por ser uma arte em plena força e com muita presença no quotidiano dos alunos.

No capítulo seguinte (capítulo II) fiz uma fundamentação da minha escolha, frisando a importância da ilustração no ensino, explorei um pouco a singularidade da ilustração em relação a outras atividades artísticas e as influências por elas sofridas com a mudança de paradigma do chamado “Pictorial Turn”. Destaquei um diverso número de tipologias que me pareceram mais pertinentes e de seguida relatei e destaquei a diferença entre ilustração e desenho que dentro das suas finalidades está incluída o desenho como disciplina, neste caso o desenho A do secundário. De seguida, no precisei de falar de cultura visual para reforçar a ideia de que o programa de desenho tem que ir mais longe e não se centrar na técnica manual. No capítulo III, começo a falar do desenvolvimento da minha proposta didática e das suas particularidades e motivações, como a planeiei e a desenvolvi com os alunos e que tipo de avaliação achei mais adequada. No final deste capítulo coloquei os trabalhos dos alunos e teji alguns comentários sobre os resultados obtidos.

Para finalizar, apresento uma reflexão sobre o modo de como interagi com os alunos e com a professora cooperante e os benefícios que retirei para a minha formação como professor.

para facilitar a compreensão da proposta de trabalho, o seu desenvolvimento e conclusão aos alunos.

Pretendo tentar elaborar uma reflexão sobre o ensino de artes visuais, muito especificamente ilustração, a alunos que apresentam um perfil extremamente diferente do que o que foi pensado aquando a elaboração de currículos e conteúdos para o ensino.

A ilustração, neste estágio em particular, é bastante importante, uma vez que, no ensino de artes visuais, o professor tem liberdade para se munir de linguagens diferentes para comunicar uma mesma ideia, estando estas linguagens ligadas à criatividade e originalidade que o professor quer oferecer aos alunos.

Apresento trabalhos de alunos, tecendo alguns comentários em relação à sua avaliação.

Concluo com uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido por mim neste estágio, que foi enriquecedor a nível pessoal e profissional.

Capítulo I

1.1 Enquadramento Contextual do Estágio Pedagógico

1.1.2. caracterização da Escola

“Em 1964, com a publicação do Decreto-Lei nº 45636, de 31 de Março, é criado, em Braga, o “Liceu Nacional D. Maria II”, com a indicação de ser um “liceu feminino com 24 salas”. A distinção entre rapazes e raparigas manteve-se até 1973, ano em que, por força da reforma de Veiga Simão, se abriu o então Liceu ao género masculino. Após o ano de 1974, fruto da Revolução de 25 de Abril, é alterada a sua designação para Escola Secundária D. Maria II, designação que mantém ainda hoje.

A história da D. Maria II está assim intimamente ligada à história dos últimos cinquenta anos do sistema educativo português, com três etapas: a primeira, marcada pelo Estado Novo, onde a referência era o “Liceu”; a segunda, acompanhando toda a evolução da transformação democrática aberta em abril de 1974, abrindo-se a novos públicos e a novas ofertas; a terceira, que coincide com a entrada em funcionamento das novas instalações, em consequência da profunda requalificação levada a cabo pela Parque Escolar.

Os cursos gerais de prosseguimento de estudos de nível secundário têm sido o centro da sua oferta formativa, complementada, em períodos mais ou menos longos pelo 3º ciclo do ensino básico. A partir de 2005, abriu-se ao ensino profissional de nível secundário e, mais tarde, ao ensino para adultos, em regime noturno.”
(<https://www.aedonamaria.pt/content/escola-secundaria-d-maria-ii-sede>)

O Agrupamento de Escolas Dona Maria II (AEDMARII), encontra-se situado no centro da cidade de Braga e é constituído por dez unidades orgânicas, desde o ensino pré-escolar ao 12ºano. Estas unidades orgânicas estão distribuídas por seis freguesias da cidade. As crianças do Jardim de Infância, assim como os alunos do 1º, 2º e 3º ciclos do ensino básico do agrupamento, provêm de um meio predominantemente urbano. No ensino secundário, presenciado na turma a cujas

aulas assisti, nos cursos científico-humanísticos e nos cursos profissionais, verifica-se uma maior diversidade geográfica na origem dos alunos, sendo esta dispersão mais acentuada nos cursos profissionais. Enquanto agrupamento, recebe também alunos provenientes de outros distritos (Porto e Viana do Castelo).

É um agrupamento de referência para a educação bilingue de alunos surdos – AEREBAS. As infraestruturas são compostas pela existência de dois auditórios, uma sala de teatro, um gabinete de astronomia, salas de estudo, oficina de artes, a coordenação local do desporto escolar de Braga e um Centro de Formação, na escola sede. O agrupamento dispõe ainda de uma horta pedagógica, uma estufa, um grande número de árvores, um laboratório de matemática, sala TIC com um computador por aluno, gabinete de educação para a saúde (gabinete J), 45 salas de aulas, gabinetes para atendimento individualizado aos encarregados de educação e um espaço exterior amplo e seguro, com equipamento de convívio para os alunos (anexo 6). Destacamos ainda três bibliotecas integradas na Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), coordenadas por três professoras bibliotecárias e dois gabinetes de Serviço de Psicologia e Orientação a funcionar com duas psicólogas. A Educação pré-escolar e o 1º ciclo contam com a existência de Atividades de Animação e Apoio à Família (AAAF) e Componente de Apoio à Família (CAF), respetivamente.

O agrupamento caracteriza-se por uma oferta educativa/ formativa diversificada, nomeadamente os cursos Científico-Humanísticos como o de Artes Visuais, Ciências e Tecnologia, Ciências Socioeconómicas e Línguas e Humanidades. Existe também oferta de ensino profissional, integra no 1º(10ª) ano cinco turmas para os seguintes cursos: Técnico auxiliar de saúde, técnico de serviços jurídicos, técnico de Design e Comunicação Gráfica, Técnico de Gestão e Programação de sistemas informáticos e técnico de informática, procurando assim dar resposta às necessidades dos diferentes públicos que o frequentam. (Anexo 5)



Figura 2. Entrada da Escola D. Maria II.



Figura 1. Pátio Interior.



Figura 4. Laboratório.



Figura 3. Pátio Superior.



Figura 5. Hall de Entrada.



Figura 6. Biblioteca.



Figura 7. Aspecto da sala de Desenho.

1.2. Caracterização da Turma do 11º G de Artes Visuais

O estágio foi realizado na disciplina de Desenho A, com a turma G, do 11º ano de escolaridade, uma vez que a professora orientadora era responsável por duas turmas de desenho de 11º ano, a G e a H e pela turma de Geometria de 10º G. A minha colega de mestrado só tinha disponibilidade de vir às quintas devido à sua situação profissional o que coincidia com o horário da turma H, não sendo isso obstáculo para poder seguir essa turma noutros horários, achei que funcionaria melhor realizar a minha proposta na turma G, além de serem alunos do mesmo ano curricular as turmas eram muito diferentes em termos de motivação, ritmos de trabalho e maturidade. Também assisti, a meio do ano letivo, a algumas aulas da turma de 12ºJ de desenho A.

Além de ter assistido às aulas da turma G, também assisti às aulas da turma H, tentando replicar a proposta apresentada à turma G, mas, devido à falta de tempo, esta foi implementada apenas com uma ilustração, que, de certa forma, desvirtuou a ideia da proposta inicial.

A turma G é constituída por 24 alunos, 7 rapazes e 17 raparigas, com uma média de idade de 17 anos, sendo 7 de nacionalidade brasileira e 1 de nacionalidade romena.

Os alunos, na sua maioria, são assíduos, pontuais e têm um bom comportamento. Quatro alunos frequentam o apoio do Serviço de Psicologia e Orientação, por apresentarem episódios de ansiedade e momentos de instabilidade emocional. É uma turma com algum potencial artístico, mas demonstram alguma apatia em relação às aprendizagens. Crê-se que, em parte, devido à falta de auto-estima e de condições sócio-afetivas desfavoráveis. É de salientar que, neste grupo, está integrada uma aluna que revela perturbação de ansiedade grave, que interfere, de forma significativa, com o seu bem-estar. Esta situação tem requerido uma atenção especial por parte da escola, estando a integração desta aluna a ser feita de forma muito gradual. A sua evolução quanto à participação nas aulas e sociabilização tem sido lenta. No entanto, revela-se uma aluna bastante acima da média, na componente prática. Na generalidade, são alunos que requerem bastante apoio individualizado. Contudo, são empáticos e revelam muito espírito de camaradagem e de entreaajuda. Como estratégias pedagógicas para lidar com as diferentes culturas, utilizei as conversas individuais, tentando perceber os contextos individuais de cada aluno, tentei demonstrar o máximo de empatia e preocupei-me em inteirar-me da diferença de vocabulários existentes entre os alunos.

As aulas assistidas decorriam às terças, quartas e quintas feiras.

Nas aulas de terça e quinta feira tinha o turno 1 e o turno 2, respetivamente. Cada turno era constituído por cerca de metade da turma G, com a duração de 135 minutos cada aula do turno. Nas aulas de quarta feira as aulas foram assistidas e dadas com os dois turnos juntos, com a mesma duração das aulas de terça e quinta feira.

No início, esta distribuição por turnos causou-me alguns constrangimentos, dificultando, inicialmente, conhecer os alunos. Por outro lado, os turnos que englobavam poucos alunos permitiram-me uma maior aproximação aos alunos, conhecendo-os melhor e conseguindo fazer um seguimento do trabalho com maior facilidade.

As aulas decorreram na Sala de Desenho 2, de construção relativamente recente e com boas condições para aulas de desenho A, como projetor, computador, mesas adequadas e um sistema elétrico moderno, que permitia flexibilidade no uso de instrumentos tecnológicos, lavatórios e um anexo com armários para guardar materiais e trabalhos dos alunos.

CAPÍTULO II

2.1. Fundamentação Teórica: Importância da Ilustração no ensino, Ilustração, Desenho, Disciplina de Desenho A e Cultura Visual

2.1.1. Importância da Ilustração no ensino

Antes de explorar um pouco o tema da ilustração, da sua especificidade, convém realçar a importância que ela tem para os alunos. Não é fácil lidar com alunos desmotivados, muitas vezes apáticos ao ponto de nem sequer trazerem material para a sala de aula e ficarem simplesmente sem fazer nada.

Pedir-lhes para criar imagens a partir de um texto não é simples, mas “(...) a ilustração pode ser um ótimo médium que os professores podem utilizar com qualquer tipo de alunos, para estimular a criatividade e a confiança em si-mesmos.” BARBERA (2018):147

Apesar do desconforto perante alunos com estas características, a responsabilidade do professor é a de encontrar modos de envolver os alunos na atividade, tentando estimular a criatividade e vontade de cada um deles.

Apesar de ser um desafio criar duas imagens sequenciais, os conhecimentos prévios dos alunos permitem-lhes concentrar-se mais na criatividade, na interpretação pessoal do texto e mobilizar e aprofundar os conhecimentos de educação visual adquiridos ao longo do ano letivo e dos anos letivos anteriores.

Por mera coincidência, escolhi um texto em que não há tradução de Português de Portugal, mas sim do Brasil (o livro não foi editado cá). Sendo uma parte significativa dos alunos de nacionalidade Brasileira ou luso-Brasileira, como é natural, a tradução agradou bastante aos alunos dessa nacionalidade e a todos de um modo geral, realçando que muitos deles já conheciam a história por a terem lido na infância. Parece um pormenor sem importância, mas julgo que este facto contribuiu para uma maior aproximação à proposta pedida.

Falar-lhes da minha experiência profissional como ilustrador fez com que eles se aproximassem mais e mostrassem mais interesse pelo assunto, chegando a fazer várias perguntas sobre o funcionamento desta vertente na realidade, nomeadamente

quem me pede trabalho, como se desenvolve o processo, se compensa em termos de retorno económico, que dificuldades existem e outras questões. Este interesse tornou o tema da proposta mais “real”, chegando a receber feedback de alguns alunos surpreendidos com a quantidade de fases que o processo de fazer um livro implica.

2.2. ILUSTRAÇÃO

“Perhaps it is because the sky is the limit that people wish to locate some core of ideas that describe and define illustration’s universe.” Jaleen Grove (2018: 181)

Queria começar este breve texto sobre ilustração fazendo uma pequena distinção entre Desenho e Ilustração e a sua autonomia.

“O substantivo “desenho” deriva do latim designu, vocábulo rico de sentido, podendo simultaneamente significar “desenhar” e “designar”. O desenho, obra inscrita sobre um suporte com duas dimensões, apresenta plasticamente uma essência, um conceito, um pensamento ou representa as aparências do nosso mundo natural” Rodrigues (2003:20)

Convém assinalar que as definições englobam uma vasta quantidade de significados, e que o desenho pode não ser uma ilustração, mas também o pode ser. A ilustração incorpora o desenho, mas afasta-se para outra natureza.

A etimologia da palavra Ilustração, tem várias raízes latinas como lux e Illustrare, que significam, luz e ilustrar respetivamente, o que a coloca como algo que ilumina, esclarece e ajuda à compreensão. O que a separa de outros modos artísticos está inerentemente ligado a responder a alguma ideia e procura comunicar alguma informação específica para determinada audiência:

“The “what” (subject) and “how” (medium) of an image are not the defining factors; rather, the “why” (purpose) determines whether a work of art is illustration or not.” Grove (2018:74-75)

“And, while illustration often accompanies or refers to a written or spoken text, it may also operate independently. Because the illustrator must make visual what words can only generally indicate, illustration originates meaning, just as writing does.” Grove (2018:74)

Existe uma grelha de Alan Gowans (1923-2001) no livro *Unchanging Arts* de 1971, em que Jaleen Grove sugere que sirva de guia para muitos historiadores no sentido de saber o que é ou não é ilustração se obedecer a um ou mais dos seguintes propósitos:

- Documentar (criar um registo visual de uma coisa ou pessoa)
- Narrar (explicar ou entreter, contar histórias)
- Persuadir (estabelecer, manter ou desacreditar ideias)
- Ornamentar (melhorar a vida ou concretizar a identidade por meio da decoração)

Uma das razões que contribuem para a dificuldade de uma definição é o facto de muitas disciplinas das artes serem identificados pelos meio artísticos associados, como por exemplo, a fotografia com fotografias e pintura com tinta enquanto que as ilustrações podem usar várias técnicas e linguagens formais variadas que não interferem no seu propósito e intenção, que é comunicar visualmente ideias e informações.

Historicamente o mundo das belas-artes excluiu a ilustração das discussões sobre “arte” devido ao seu carácter utilitário, à sua ligação com o comércio e à sua reprodução em massa. Isso contrasta com as criações únicas das belas-artes. Como resultado, itens associados à ilustração, como publicidade, banda desenhada e ilustrações em jornais, foram amplamente marginalizados nas narrativas da arte. O debate crítico sobre o que define a ilustração como um campo próprio e a avaliação de sua prática foram, portanto, impedidos. A ilustração perdeu ainda mais prestígio quando críticos influentes da cultura questionaram o valor dos meios de comunicação de massa, da cultura popular e da publicidade, tanto no passado quanto no presente.

Contexto	Codificadores			Código			Descodificadores	
Lugar; Momento Histórico	Cliente; Empregador	Texto; Escritor	Ilustrador	Iconografia	Forma	Formato	Audiência Pretendida; Uso	Outras audiências; Uso

Quadro 1. Componentes de ilustração em resumo. Quadro por Jaleen Grove.

Neste quadro 1 é demonstrado de forma simplificada a compreensão do que é a ilustração. Além de o gráfico implicar uma progressão linear de causa efeito, todas as partes estão interconectadas e influenciam-se mutuamente. A audiência, dependendo do seu grau de literacia visual, pode acabar por ser também um codificador. Para clarificar um pouco as subdivisões do Código:

Iconografia - assunto, simbolismo.

Forma - arranjo de formas, cores, linhas e outros componentes estruturais.

Formato - onde a ilustração é publicada (revista, jornal, cartaz, Gif animado bem como a sua entrega e distribuição).

2.3. “The pictorial turn”.

Resumidamente, o Giro pictórico é um conceito na teoria da arte e da Cultura visual, popularizado pelo teórico W.J.T. Mitchell, no seu livro *Picture Theory* de 1994, que enfatiza a ideia de que as imagens não são meros reflexos mas constroem ativamente a formação de opiniões, valores e ideologias, em suma, a construção da realidade.

Muito se tem falado sobre o “visual” e o olhar e que vivemos num “(...) mundo onde o que vemos tem muita influência em nossa capacidade de opinião, é mais capaz de despertar a subjetividade e de possibilitar inferências de conhecimento do que o que ouvimos ou lemos. Fala-se, utilizando uma metáfora bélica, que vivemos bombardeados em um mundo onde as imagens nos bombardeiam.” Hernández (2017:29)

Esta viragem teórica foi fundamental para o desenvolvimento dos estudos de cultura visual, um campo que tornou o estudo da ilustração, anteriormente considerado como cultura popular, sem grande significado, um campo com maior legitimidade no meio académico.

No artigo, “*The theoretical turn and pedagogy in illustration Education*” de Jallen Grove (2018), esta autora levanta a reflexão da influência que esta viragem terá tido no ensino da ilustração e destaca o aumento crescente na aplicação da filosofia, estudos culturais e teoria visual ao estudo da área. Assinala que na Europa a teoria já está profundamente integrada nos currículos dos cursos de ilustração, fazendo com que a ilustração esteja mais envolvida com a cultura e a crítica, potenciando uma maior preparação dos ilustradores para entender e articular o seu trabalho com as complexidades do mundo contemporâneo.

Não existindo propriamente uma teoria da ilustração, há uma lista de teóricos e conceitos que são aceites por Ilustradores, educadores e académicos, na qual estão incluídos, por exemplo as “Mitologias” de Roland Barthes, os “Modos de ver” de John

Berger, o “Olhar masculino” de Laura Mulvey, “O meio é a mensagem” de McLuhan, entre outros. Não havendo uma teoria da ilustração, mas sim uma abundância de estudos, tratados e teorias sobre imagens, todo o tipo de material que interaja com a imagem, seja qual for a área de onde são provenientes.

No artigo citado acima, Jallen levanta uma questão pertinente, a existência de resistência por parte de alguns educadores e ilustradores em relação à teoria. Um dos argumentos apresentados, para exemplificar, é o seguinte:

“Doubters worry that critical theory might ruin illustrators’ self-worth and ability to find joy in their work. They argue that academic content makes the intuitive process of creativity so self-conscious that it becomes paralyzing(...” Grove (2018:182)

É inegável o valor da teoria para o próprio empoderamento dos ilustradores, porque afastados da teoria deixarão de explorar a tradição sem exame ético, histórico e cultural o que os torna, mesmo que involuntariamente, vítimas da sua posição, perpetuando formas racistas, sexistas e colonialistas.

Estas formas podem ser expressas de um modo subtil ou explícito, influenciando a maneira de como certos grupos sociais são representados através de preconceitos culturais e históricos que perpetuam estereótipos e limitam a diversidade.

No caso do sexismo a objectificação da mulher, tanto representada na publicidade como ao longo da história da Arte, traduz-se pelo ênfase dada às suas características físicas através da idealização dos corpos, no livro seminal, *Modos de ver* de John Berger, diz:

“Na forma artística do ocidental, os pintores e os espectadores-proprietários eram normalmente homens, sendo mulheres, na generalidade, as pessoas tratadas como objetos. A relação desigual está de tal modo inserida na nossa cultura que ainda é estruturante da consciência de muitas mulheres. Fazem a si próprias o que os homens lhes fazem. Tal como os homens, vigiam a sua própria feminilidade.” Berger (2005:69)

O racismo na ilustração pode-se manifestar de muitas maneiras: através da estereotipagem, caracterizando de forma caricatural pessoas negras, indígenas ou

outras etnias, exagerando nos traços físicos ou comportamentais, fazendo com que pareçam mais violentos, menos inteligentes e/ou exóticos; promovendo a ideia de beleza ligada à “brancura” ou excluindo das representações outras etnias. Perpetuar formas de colonialismo e de poder através da representação das culturas não ocidentais como “curiosidades” e “selvagens”, dando a ideia de que estas culturas são inferiores e não civilizadas.

Em suma, as representações sexistas, racistas e colonialistas têm consequências profundas, pois reforçam estereótipos e distorcem a imagem de grupos marginalizados. Elas ajudam a manter sistemas de poder que oprimem e desvalorizam esses grupos, afetando tanto a forma como a sociedade os enxerga quanto a forma como eles próprios se percebem. Essas imagens influenciam atitudes, políticas públicas e até práticas educacionais, perpetuando desigualdades e criando barreiras para a inclusão e a justiça social. Felizmente, houve uma procura por respeitar a diversidade, recordo-me de uma caso pessoal a que em determinada altura fiz ilustrações para manuais escolares para o 1º Ciclo, e já me pediam na altura para introduzir personagens de outras etnias, pessoas com deficiência e mesmo para ter cuidado na representação de animais, não os colocando presos com correntes, por exemplo.

Depois desta breve exposição, queria exemplificar algumas das tipologias da ilustração que me parecem mais relevantes para uma compreensão da sua variedade.

2.3.1. Ilustração Editorial

“Editorial illustration is a form of visual journalism that provides critical commentary and context on contemporary subjects. Its role is to enlighten, inform and educate readerships across a range of subjects that are of public interest.” Selby (2023:8)

Das diversas tipologias, a ilustração editorial na sua vertente mais conceptual, porque valoriza acima de tudo a ideia da peça, relaciona com mais inteligência e destreza os conceitos a que se quer aproximar:

“The inclusion of Conceptual Art, even to recognize it as an art movement, is a step too far for some cultural commentators, but it is important to include it in a book dealing with editorial illustration. Conceptual Arts grandparents were Surrealism and Dada, and the strong links between the intangible and the unexplained serve as a foundation stone for a movement whose primary motive was the outright rejection of materiality and physical representation. Underpinned by the great twentieth-century postmodernist and poststructuralist philosophers such as Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Michel Foucault and others, Conceptual Art raised the significance of the overarching idea of the work being vastly more important than its physical manifestation.” Selby (2023:22-23)



Figura 8. André Carrilho, NewStatesman.



Figura 9. Luca D'Urbino, The Economist.



Figura 10. Ard Su, The New Yorker.



Figura 11. Melinda Beck, Stanford Medicine.



Figura 12. Javier Jaén, The New York Times.



Figura 13. Javier Jaén, Barron's.



2.3.2. Ilustração de Publicidade

Ilustrações direcionadas para a promoção e venda de produtos ou serviços com um forte apelo visual e emocional com vista a atrair a atenção, mobilizar o desejo de compra por parte do público, tem também como objetivo reforçar a identidade de marcas.



Figura 17. Amalia Mora, Barilla.

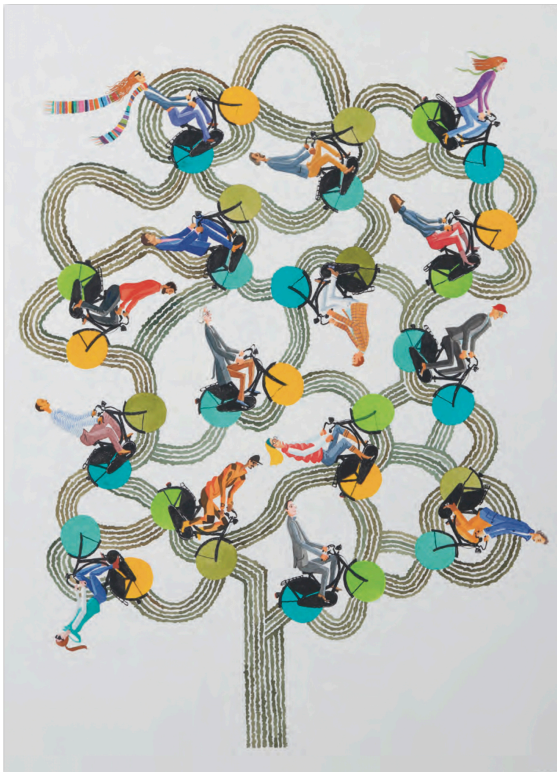


Figura 18. Andrew Selby, Netherland CycleNetworking.



Figura 19. Studio Takeuma, Craft Beer Base.

2.3.3. Ilustração para Livros

Dentro da produção de livros, os livros infanto-juvenis ocupam um lugar preponderante para os ilustradores: além de haver oferta de trabalho existe uma ligação especial, não nos podemos esquecer que, para muitos foi o primeiro contacto com arte e ilustração. A História contextualiza esta situação:

“This began with the illuminated religious manuscripts created between the 7th and 9th centuries, and continued with the birth of print in 1455. Until the invention of the camera and photography in 1839, illustration was the only form that printed images could take. Since photographic representation became the norm, the popularity of the illustrated image has been in decline. Within publishing now, the sectors most responsive to the work of Illustrators are those of children’s books (...)” Zeegan(2005:92)

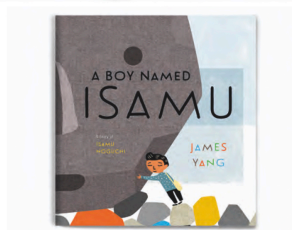


Figura 20. James Young.Viking for Kids.



Figura 21. Marta Madureira, APCC.



Figura 22. Sara Fanelly, Walker Books.

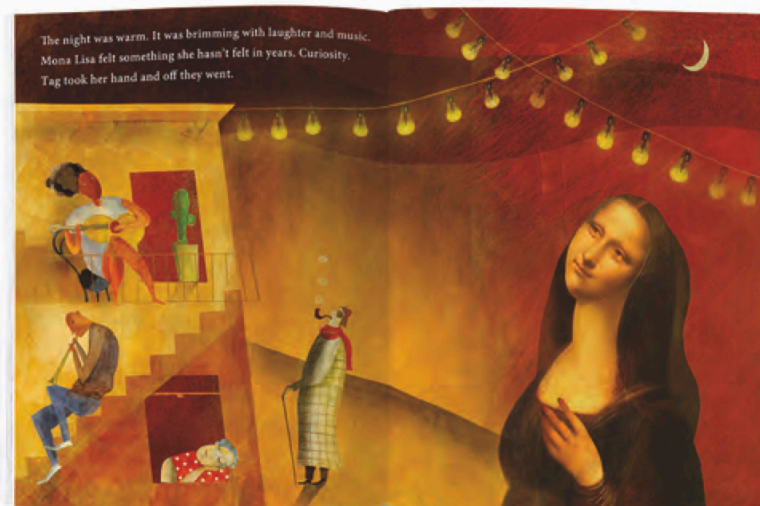


Figura 23. Yevgenia Nayburg, Mona Lisa in New York, Prestel.

2.3.4. Ilustração para embalagens



Figura 24. Gêmeo Luís, 100 Mistérios.



Figura 25. Nicholas Cheng, Taiwanese Oolong Tea.

2.3.5. Ilustrações de Cartazes

O cartaz revelou-se com maior intensidade marcando o espaço público, nos finais do século XIX em Paris, transformando a cidade numa galeria a céu aberto.

Foi usado com muitas finalidades, no início, próximo da publicidade e da vida noturna Parisiense, durante o período Soviético e a I e II guerras Mundiais como propaganda política e recrutamento, mas apesar de os avanços das tecnologias de informação e divulgação de imagens, continua a renovar-se constantemente.

Basta observar as últimas manifestações em Portugal, seja pela falta de Habitação

ou as comemorações do 25 de Abril, que fez 50 anos, o cartaz está sempre presente, seja com imagens produzidas por artistas e ilustradores, que colocam disponíveis gratuitamente nas suas redes sociais ou até mesmo por cartazes feitos pela própria mão dos manifestantes.



Figura 27. Sebastião Peixoto, Revista Visão.



Figura 26. J. Howard Miller. Nacional Museum of American History



Figura 28. Owen Davcy, Larmer Tree Festival.



Figura 30. David Habben, OnStage Ogden.



Figura 29. Bráulio Amado. The Rolling Stones.

2.3.5. Ilustração Científica

Mediante a combinação entre ciência e ilustração, é uma ferramenta de comunicação visual e modelo pedagógico para potencializar a divulgação e comunicação da ciência mais acessível e imediata. Uma das razões para o uso da ilustração em vez da fotografia fica mais claro através da leitura deste texto de Massinori (chamo a atenção que individuo se refere a qualquer espécie, seja planta ou animal):

“Aqui, cada indivíduo está para a espécie inteira, onde se evidenciam todas as características e traços pertinentes: é por essa razão que ainda hoje se prefere usar o desenho em vez da fotografia; porque a fotografia ao registrar um indivíduo, não poderia prescindir dos traços singulares e extravagantes, enquanto o desenho o pode fazer de maneira elegante e convincente.”

Massinori (1996:62)

A ilustração científica aplica-se num vasto e diversificado campo, entre os quais, a ilustração botânica, Zoológica, Anatômica, Paleontológica e Microbiológica. Queria salientar que este tipo de abordagem é um instrumento pedagógico que estão presentes desde os manuais escolares do ensino Básico e secundário como nos atlas de anatomia dos estudantes de medicina.

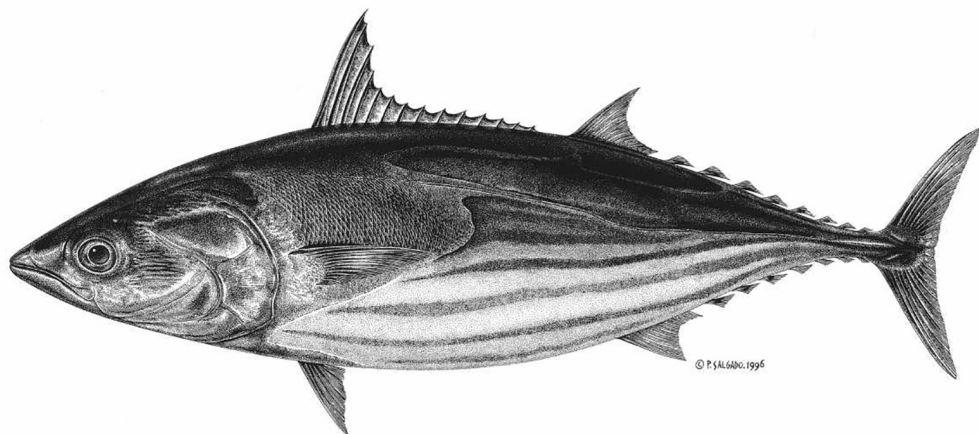


Figura 31. Pedro Salgado.

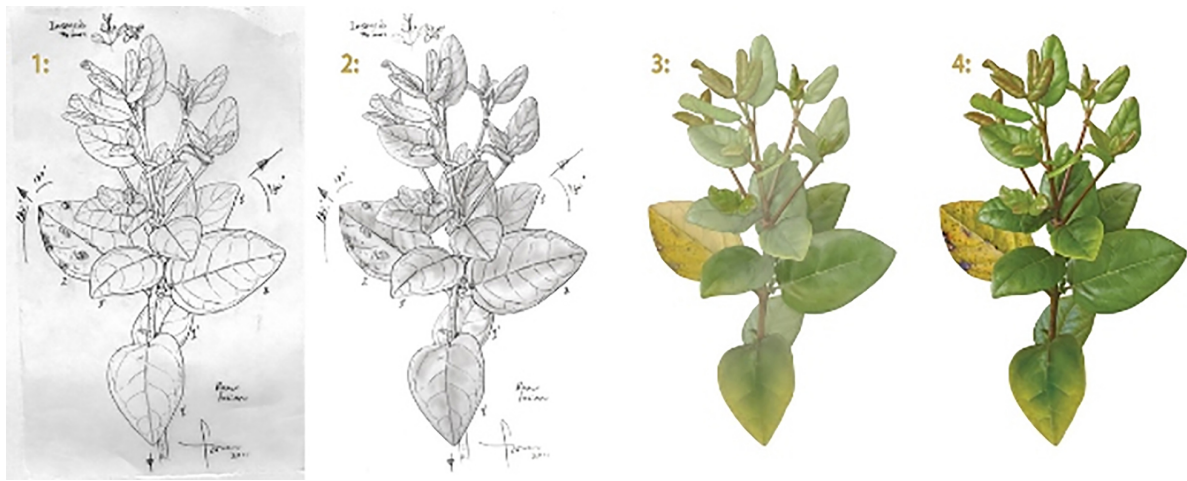


Figura 32. Fernando Correia, Ramo de Folhado.

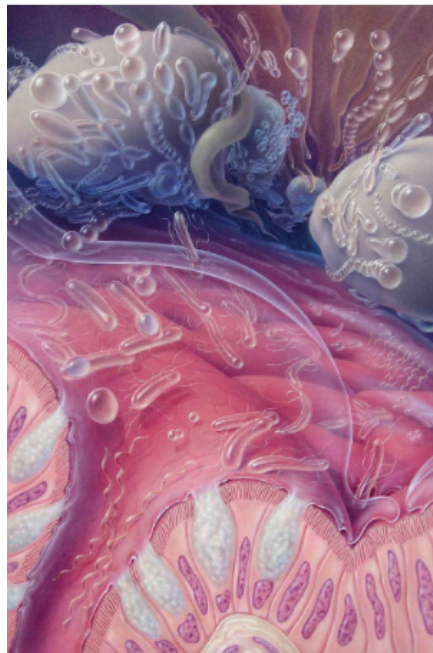


Figura 33. Jane Hurd, normal bacteria of the colon.



Figura 34. Peter Cull, dissection of the face.

2.4. Desenho

Antes de abordar o programa de Desenho A e contextualizar a ilustração dentro dele, queria fazer uma breve tentativa de uma definição de Desenho. Torno a citar a sua designação:

“O substantivo “desenho” deriva do latim designu, vocábulo rico de sentido, podendo simultaneamente significar “desenhar” e “designar”. O desenho, obra inscrita sobre um suporte com duas dimensões, apresenta plasticamente uma essência, um conceito, um pensamento ou representa as aparências do nosso mundo natural” Rodrigues (2003:20)

Aparte da sua designação, que é de vasta interpretação, tem interesse em expor o mito da sua criação, Plínio, o Velho ou o Antigo, foi um historiador, filósofo e naturalista romano que no seu texto “ História Natural” conta um episódio que mais tarde ficou relacionado como o Mito da origem do desenho, de certa forma da pintura e da escultura, que a filha do oleiro Butates de Sicione, estava apaixonada por um jovem que quando ele partiu para o estrangeiro, ela traçou uma linha ao redor da sombra do perfil do rosto dele que estava projetada na parede por uma luz de lanterna, para que na sua ausência o ter sempre presente.

“Comove pensar poder ter sido o amor a mover a acção de desenhar(...)”
Rodrigues (2003:22)

Esta característica do Desenho e da Arte em geral, de presentificar o que está ausente diz muito sobre a sua natureza.

O Desenho antes de ser uma expressão artística é sobretudo um método e como tal pode ser aprendido, antes de poder ser utilizado como expressão artística, desenho com autonomia, serve como uma tecnologia para a obtenção de resultados preparatórios e como modo de experimentar soluções provisórias, por isso a importância e a insistência da minha parte, que os alunos usassem o desenho enquanto esboço para encontrarem soluções mesmo que provisórias para responderem ao que a proposta de trabalho lhes pedia.

Convém aqui marcar a diferença do desenho quanto á sua finalidade, porque o desenho como disciplina é uma delas.

Como diz Rodrigues (2003):

“(...) Podemos estabelecer alguns tipos de desenho quanto à sua finalidade, como por exemplo: desenho como objeto artístico cuja finalidade existe em si mesma, desenho como projeto para um objeto final diferente de si mesmo – o desenho é exterior à obra final -, desenho de estrutura de um objeto final – o desenho está contido intrínseca ou extrinsecamente na obra final” Rodrigues (2003:46)

Assim, podemos falar de desenho como objeto artístico cuja finalidade existe em si mesma, não considerado como método, mas como expressão artística, sem qualquer objetivo utilitário, de desenho como projeto, na qual a intenção não é ser objeto artístico e o desenho como disciplina:

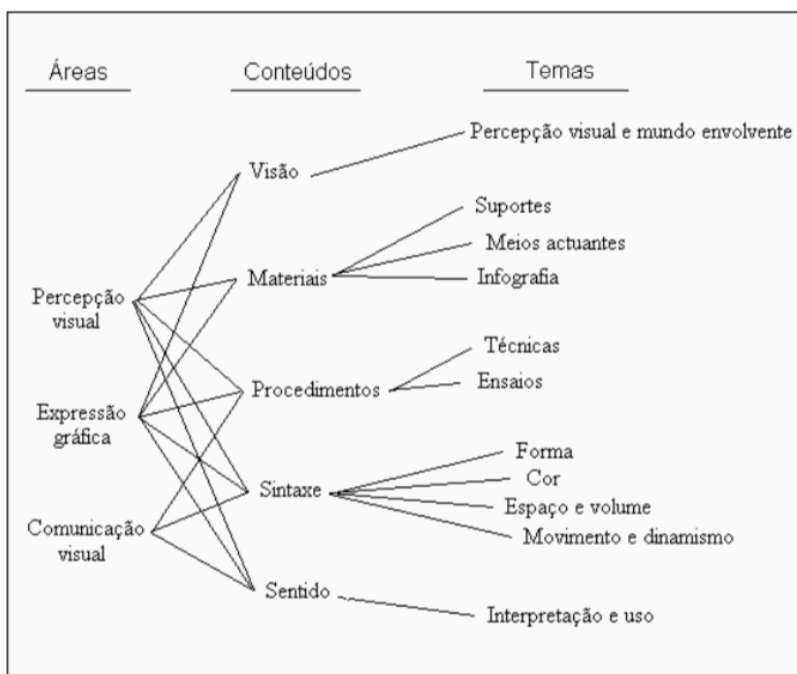
“Neste caso temos contido tudo o que se refere ao saber desenhar, desde aprender, ao exercer da prática, até ao sentido de ordenação do pensamento e da sensibilidade específica das áreas artísticas, artes visuais e espaciais.

O desenho educa o olhar, ordena a sensibilidade, exponencia a imaginação criadora e estabelece a possibilidade de comunicação e entendimento, ao autor, das suas próprias ideias, ao observador o experimentar conceptualizado da própria ação de desenhar, bem como uma evidência imediata do que está a desenhar.” Rodrigues (2003:50)

2.5. Disciplina de Desenho A

Segundo o programa de Desenho A, pretende-se que os estudantes adquiram um grau de eficácia através dos meios expressivos do desenho a um nível pré-profissional e intermédio. As finalidades globais do mesmo são o domínio, entendimento e uma comunicação eficaz através do desenho.

Para atingir esses objetivos a didática do desenho deve ser um exercício consequente e eficaz, constrói-se um quadro teórico e operacional em que a teoria e a prática surjam relacionados com coerência. (quadro 2)



Quadro 2. Áreas, conteúdos e temas (10º, 11º e 12ºanos).

Segundo o quadro 2, fazem parte da didática do desenho três áreas a explorar:

- A percepção visual refere-se às influências biológicas e psicológicas que afetam o que vemos. Estudar essa área possibilita desenvolver métodos que tornam a expressão gráfica mais eficiente e ajustada à forma como processamos e entendemos as imagens. Isso leva a um melhor entendimento com o que percebemos e nos expressamos visualmente, aumentando a clareza e a eficácia na comunicação gráfica.
- Expressão gráfica, que abrange tanto as convenções sociais e culturais quanto as inovações tecnológicas usadas na comunicação visual. Ele envolve o domínio de suportes, normas, instrumentos e meios de registro, além de técnicas como o uso de

traços e manchas. Esses elementos são essenciais para entender os recursos do desenho como uma ferramenta de expressão.

- No campo da comunicação, o foco está na análise da função semântica do desenho, ou seja, o significado que ele transmite. Isso inclui a distinção entre os aspetos de forma (plano de expressão) e o conteúdo (plano de significado). O estudo considera tanto o desenho em seu contexto contemporâneo (sincronia) quanto sua evolução histórica ao longo do tempo.

Segundo (Ramos, Queiroz, Barros & Reis, 2001: 4):

“Como indicações genéricas relativas à gestão do programa, estabelece-se como metodologia mais adequada à aula de desenho, a observância da «Unidade de Trabalho» privilegiando a atividade oficial como via para a exploração de conteúdos.”

O desenho é essencial à educação artística, uma vez que gera processos que fomentam a aquisição de conhecimentos por parte dos alunos e uma compreensão mais vasta da arte, a sua evolução e história, aumentando a sua consciência crítica.

“Desenho é forma universal de conhecer e comunicar. Integrando as áreas do saber, actua na aquisição e na produção de conhecimento: traduz-se em mapas, esquemas, espécimes; concretiza planos, antecipa objectos, interroga-nos sob a forma de testemunho artístico. Nas suas variantes, vive, e faz criar, quer como testemunho de um passado, quer como intermediário do futuro. É área estruturadora de muitas outras áreas de exercício profissional, que nela se baseiam ou que do seu exercício partem.” (Ramos, Queiroz, Barros & Reis, 2001: 3).

“Na disciplina de Desenho A, 11º e 12º anos, o programa está dividido em duas partes, uma com os “Conteúdos” e outra com as “Sugestões Metodológicas Específicas”. Ao analisar o programa mais minuciosamente, nos “Conteúdos/temas” aparece uma lista de tópicos que devem ser desenvolvidos durante o ano. Dentro destes há uma divisão entre “sensibilização”, que são tópicos que devem contribuir para “um quadro de referências elementares apto a ser desenvolvido posteriormente” e de “aprofundamento” que pressupõem “o completo domínio e a correta aplicação dos conteúdos envolvidos.” (Rodrigues, 2020, 2001: 5).

Assim, o programa de Desenho A possui sugestões metodológicas específicas, tendo o professor autonomia para adequar as suas propostas às suas características e da turma e alunos, criando novas formas e abordagens ao programa.

No meu caso, a escolha do tema de Ilustração, não fazendo parte do programa do 11º ano, pode ser dada como introdução e preparação para uma proposta mais aprofundada, que é dada no 12º ano.

Os conteúdos do 10º, 11º e 12º ano têm um carácter progressivo e de aprofundamento, o que torna possível trabalhar e explorar a Ilustração em qualquer um dos anos referidos.

Sendo um programa não só virado para a técnica, mas que lhe dá muita predominância, estará um pouco datado e desatualizado em relação às questões atuais, sendo também responsabilidade do professor desenvolver práticas pedagógicas que contornem esta realidade. Por esse motivo, Maria Acaso (2009) refere o seguinte:

“He opuesto la denominación educación artística con la denominación manualidades de forma un tanto metafórica, ya que el concepto manualidades es lo que se suele identificar de manera habitual con lo que es la educación artística (si preguntamos a nuestro alrededor, podremos comprobar cómo una amplia mayoría da por supuesto que la educación artística son manualidades). Y lo utilizo de forma metafórica porque las manualidades, los procesos de creación que se acometen con las manos, claro que forman parte de lo que es la educación artística pero, como defenderé a lo largo del texto, en este momento histórico considero que no deberían constituir el grueso de las prácticas que llevamos a cabo. El término lo identifico con una educación artística anterior, y creo que hoy en día hay que reivindicar la enseñanza de las artes y la cultura visual como un área relacionada con el conocimiento, con el intelecto, con los procesos mentales y no sólo con los manuales(...)”. Acaso (2009.17)

De modo a acrescentar novas práticas ao ensino de desenho, existem várias propostas da cultura visual nesse sentido, integrando elementos contemporâneos e contextuais da imagem no processo de ensino-aprendizagem, que desenvolverei no ponto seguinte.

2.6. Cultura Visual

Maria Acaso, no seu livro *Lá educacion artística no son manualidades*, faz uma tentativa de definir do que se trata quando falamos de Cultura visual:

"conjunto de representaciones visuales que forman el entramado que dota de significado al mundo en el que viven las personas que pertenecen a una sociedad determinada. La cultura visual es el conjunto de productos visuales que pueblan nuestra cotidianidad y dan origen a la identidad del individuo contemporáneo" Acaso (2009:161)

De certa forma está a falar de quase tudo o que nos rodeia na vida do dia a dia na experiência da vida quotidiana, já que as representações do mundo artístico entram em contacto com um grupo mais reduzido da nossa sociedade.

Num dos livros, considerado como um dos primeiros manuais sobre o tema, *Cultura visual* de Mirzoeff (2003), citado por Acaso (2009) expressa a ideia do que explora:

"La crisis ante las nociones de realidad, verdad modelada por la influencia de las imágenes cotidianas es el campo en el que trabajan los estudios sobre la cultura visual. La cultura visual es un discurso de Occidente sobre Oriente. La cultura visual es una táctica para estudiar la genealogía, la definición y las funciones de la vida cotidiana posmoderna desde la perspectiva del consumidor. La cultura visual no depende de las imágenes en sí mismas, sino de la tendencia contemporánea a plasmar la vida en imágenes, a visualizar la existencia" Acaso (2009:162-163)

Existem várias abordagens a este campo, Barnard(2001) identificou duas vertentes fundamentais no estudo da cultura visual, uma que dá maior importância ao visual, que prescreve os objectos de estudo na arte, design, moda, tatuagens, uma lista infindável. Outra vertente foca-se mais na cultura, referindo-se a valores e identidades construídos pela cultura mediados pelo visual.

Como Professor, naturalmente a preocupação é de saber como integrar a cultura visual na educação. A educação artística para a compreensão da cultura visual é uma proposta pedagógica que tem como nomes principais, Kerry Freedman,

Paul Duncun e Kevin Tavin. Esta proposta assenta na ideia de Freedman(2006) de que é improvável que o processo de aprender a criar arte visual ocorra sem um guia para responder adequadamente às suas complexidades de forma a chegar mais além da superfície das imagens e dos objetos que nos cercam.

Os pontos básicos desta proposta são:

- Incorporação da cultura visual como conteúdo curricular habitual:
integrar todos os elementos que se denominam como cultura visual no quotidiano do currículo da educação artística (televisão, internet, centros comerciais, várias formas de representação visual).
- “Edutainment”:
este termo resulta da fusão das palavras educação e entretenimento criado por Freedman porque a autora enfatiza a ideia de que as imagens recreativas não só nos dão prazer como nos ensinam.

“Es una era donde la variedad de las Bellas Artes y del arte popular influyen cada vez más en nuestras vidas y da la que los alumnos pueden aprender más a partir de las fuentes de información visuales que de las textuales.(...) El aprendizaje de la cultura visual se ha convertido, dentro del centro escolar e fuera de él, en una parte integral de la construcción de conocimiento tanto para los niños como para los alumnos del siglo XXI” Freedman”(2006:11)

Por ser um conhecimento muitas vezes inconsciente e recebido com prazer, sem se pensar muito, a EACV considera centrais o tipo de produtos que se conhecem como de entretenimento e recreação porque são estas que nos moldam a nossa forma de ser e pensar.

- Ligar os conteúdos do currículo com os processos de criação de identidade:
A família e a escola eram, antes dos desenvolvimentos da tecnologia e dos média de comunicação de massas, as principais fontes de educação, hoje a cultura visual torna-se o principal educador.
Para Freedman (2006) os símbolos visuais funcionam como discurso de como quem teremos que ser, que teremos que comprar e a quem temos que votar. Na nossa época, sabendo que a nossa identidade é construída, serve, para ser eu em vez do que querem que eu seja, a

desconstrução desse imaginário que nos é dado pelas tecnologias da comunicação.

- Trabalhar para a rutura dos estereótipos visuais:

Como os alunos não veem as imagens de modo crítico a não ser que lhes sejam ensinados, as suas apropriações das imagens podem ter como resultado um conhecimento desfasado do que a escola democrática pretende transmitir.

Em resumo, exige-se uma inversão de interesses, o currículo com conteúdos muitas vezes do interesse do professor, terá que dar lugar á coexistência a conteúdos do interesse dos alunos. Esta e outras propostas exigem muito dos professores porque vão ter que estar bem conscientes da cultura visual dos seus alunos, ter conhecimento e contacto com uma realidade exterior ao contexto educativo, estar atentos aos que os alunos ouvem, que programas de televisão ou da internet assistem, quais as bandas e jogos preferidos, de modo a trazer para a sala de aula, de um modo crítico, conteúdos que vão ao encontro dos alunos, no sentido que possam desenvolver os seus projetos de vida.

CAPÍTULO III

3.1. Planificação da proposta de trabalho

O conteúdo da proposta foi escolhido depois de várias reuniões com a professora cooperante, tentando adequar o trabalho desenvolvido com as características da turma e com o facto de trabalhar como ilustrador profissional há vários anos, certo de que seria uma mais valia mútua.

A ilustração não foi a minha primeira escolha, tentamos fazer alguma proposta ligada ao desenho de botânica, para articular com a disciplina de Biologia já a pensar numa exposição da semana da ciência a realizar-se em Março. Ainda pensamos em algumas hipóteses de abordar o tema de modo a que fosse apelativo e do interesse dos alunos, mas acima de tudo devido a constrangimentos de tempo devido à minha atividade irregular de ilustrador freelancer, teve que ser colocada de parte.

Entre outras possibilidades, surgiu a ideia da ilustração com o objetivo de construir um livro coletivamente, mas abandonei a ideia porque achei que era mais enriquecedor para os alunos fazerem mais do que uma ilustração e de terem a experiência de fazer uma sequência de imagens com todas as implicações que isso tem como processo.

A proposta apresentada e trabalhada propôs a realização de duas ilustrações, a partir do texto do livro “A verdadeira História dos Três Porquinhos por A. Lobo tal como foi contada a Jon Scieszka”, da autoria de Jon Scieszka e com ilustrações de Lane Smith (1996). A História escrita pelo escritor norte americano Jon Scieszka reconta a clássica História dos três Porquinhos pela voz do lobo.

Apesar de ser uma história para crianças, estes tipos de narrativas são muito ricas para trabalhar e abordar em contexto pedagógico a ilustração nas suas diversas vertentes, já que apresenta diferentes conteúdos, permitindo aos alunos explorar a composição, ritmo, a criação de personagens, a relação entre o texto e a imagem, o layout gráfico, entre outras dinâmicas. Foi entregue aos alunos o texto completo (anexo 1), dividido de acordo com o livro original. Foi pedido aos alunos que escolhessem duas passagens seguidas (no anexo 2 encontra-se o guião da proposta fornecido aos alunos) Depois de escolhidas duas passagens do texto, foi pedido aos alunos que desenvolvessem vários esboços das situações escolhidas, tendo em conta a natureza do texto e a cena a representar.

De acordo com indicações fornecidas, as ilustrações levaram em conta a coerência gráfica, ritmo, dinâmica da composição e a expressividade.

3.2. Motivações Pessoais e Relevância do Tema

Após a análise do programa de desenho A e do conhecimento que fui adquirindo sobre os interesses dos alunos acerca da ilustração, chegamos à conclusão que seria uma boa opção.

A ideia inicial era fazer 3 ilustrações de uma história, mas devido ao curto espaço de tempo que tinha para realizar a unidade acabei para reduzir para duas.

No entanto achamos que no essencial teria o mesmo efeito, pois faria com que os alunos se debruçassem sobre vários problemas que este tipo de exercício acarreta nomeadamente a coerência formal, a execução das personagens em posições e perspetivas distintas o estudo de composição das imagens em relação uma á outra e o ritmo de leitura que isso provoca e como tudo isso influi no resultado final. O fato de trabalhar como ilustrador ajudou muito, e foi um exercício para mim também, porque me obrigou a sistematizar alguns conhecimentos que já estavam naturalizados e nem sequer pensava neles, ter que os comunicar de forma assertiva e direcionada para os alunos, fez-me rever muitos assuntos da ilustração de outra perspetiva.

3.3. As Aprendizagens essenciais, de acordo com o documento produzido pela Direção Geral de Educação:

Apropriação e Reflexão

- **avaliar o trabalho por si e pelos seus pares, justificando as soluções que encontraram:**

Na última aula houve uma apresentação do trabalho final de cada um apresentado á turma, tendo se pedido ao aluno que falasse dos pontos fortes do trabalho e os menos conseguidos.

- **exploração intencional dos elementos estruturais da linguagem visual:**

Foi pedido, na proposta, que os alunos, usassem os elementos da linguagem visual, como a distribuição do peso, composição, luz/sombra, cor, dinâmica visual com a intenção de comunicar as ideias do texto de forma eficiente.

- **referenciar fontes de pesquisa:**

- Foi pedido aos alunos que mostrassem as pesquisas iniciais, sejam da internet ou de outras fontes, podendo ser usadas como referência, mas nunca como cópia. Foram sensibilizados para questões éticas como os diretos de autor.

. Experimentação e Criação

- reconhecimento da importância do desenho como forma de pensar e comunicar.
- **justificar a intencionalidade das suas composições, explicando o modo como organizou os elementos no campo visual:**

perguntar ao aluno o porquê de uma composição em detrimento de outra, que efeito causou determinada organização para o fim pretendido.

Sintaxe

Escala

- formato, variação de tamanho, proporção.

Altura

- posição no campo visual
- movimento e tempo: organização dinâmica - Localização: colocação, peso, equilíbrio, desequilíbrio, tensão; Orientação: obliquidade, direção, eixos, vetores;
- Procedimentos: - Estruturação e apontamentos (esboços);
- Estudo de contextos e ambientes (espaços interiores e exteriores, paisagem urbana e natural).

Alguns itens destes conteúdos são de sensibilização para a construção de alguns conhecimentos elementares que servirão de referência para serem desenvolvidos posteriormente, uma vez que a proposta metodológica de ilustração de livro pertence a conteúdos abordados com mais profundidade no 12º ano.

Recursos didáticos e Materiais

- Foram pedidos aos alunos um conjunto de recursos materiais disponíveis, de modo a não acrescentarem despesas adicionais. Foram pedidos aos alunos folhas A4 de papel cavalinho estrangeiro e/ ou papel de aguarela, lápis grafite e de cor e aguarelas. Foi permitido aos alunos utilizarem todo e qualquer material que achassem coerente com a proposta, até mesmo recursos digitais.
- Foi solicitado um projetor para apresentação do guião e discussão do tema e fornecido aos alunos o texto completo fragmentado.
- Durante a aula foram facultados, para análise dos alunos, vários exemplos de ilustração, tais como livros infanto-juvenis, catálogos da Feira do Livro de Bolonha, da 3x3, Communication Arts, Bienal de Ilustração de Guimarães da Ilustração Portuguesa, entre outros.

- Texto completo e fragmentado.
- Exemplos de ilustrações.
- Avaliação:
 - avaliação das aprendizagens dos alunos, inquéritos, Meta-avaliação/reflexão.
- Livros: “A verdadeira História dos Três Porquinhos, por A. Lobo tal como foi contada a Jon Scieszka”, Jon Scieszka. -Picture This, how pictures work, Molly Bang. - Illustrating Children’s Books, Creating Pictures for publication, Martin Salisbury.
- Documentos: Aprendizagens essenciais, 11º ano / Ensino Secundário, Desenho A. - Programa de Desenho A, 11º e 12ºanos

Áreas de Conhecimento

- Justificar o processo de conceção dos seus trabalhos, mobilizando conhecimentos, referenciando fontes de pesquisa e utilizando o vocabulário específico da linguagem visual.
- Experimentar, através do desenho, conceitos e temáticas próprios/as de manifestações artísticas contemporâneas.
- Selecionar os suportes e os materiais em função das suas características, adequando-os às ideias a desenvolver.
- Utilizar, com capacidade técnica e intencionalidade expressiva, os meios digitais de edição de imagem e de desenho vetorial.

Tema

Ilustração.

Aprendizagens essenciais

- Justificar o processo de conceção dos seus trabalhos, mobilizando conhecimentos, referenciando fontes de pesquisa e utilizando o vocabulário específico da linguagem visual.
- Experimentar, através do desenho, conceitos e temáticas próprios/as de manifestações artísticas contemporâneas. (registos no diário gráfico, pesquisas realizadas nomeadamente das expressões faciais...)
- Selecionar os suportes e os materiais em função das suas características, adequando-os às ideias a desenvolver. (ex. experimentação e manipulação com

diversos materiais; aguarelas, grafites, recorte e colagem. realização de maquetas, fichas de auto e forms para a heteroavaliação...)

- Utilizar, com capacidade técnica e intencionalidade expressiva, os meios digitais de edição de imagem

Tarefas:

Tarefas/ Atividades/ Desafios. Ilustração de um livro

Elaboração de uma proposta de ilustração para um livro “A verdadeira história dos três Porquinhos por A.Lobo tal como foi contada a Jon Scieszka” escrita por Jon Scieszka e ilustrada por Lane Smith, formada por um conjunto de duas imagens. A ilustração pode ser ou não figurativa. Deverá ser dada atenção à coerência gráfica do conjunto e poderão ser utilizados recursos informáticos.

CAPÍTULO IV

4.1. Desenvolvimento da Proposta

Uma das minhas maiores preocupações era a gestão do tempo, o receio que as atividades propostas para cada aula excedessem ou restringissem a duração da aula e deixassem os alunos desocupados o que destabilizaria o funcionamento da aula. A Professora Cooperante foi essencial para me ajudar a fazer um plano de aula, por vezes um plano B, para me servir de orientação, tanto dos conteúdos como da gestão do tempo.

Achamos importante ter feito um guião da proposta de trabalho entregue a cada aluno para garantir que em qualquer momento pudessem consultar.

Depois de uma breve introdução da temática que iríamos abordar, fornecemos vários exemplos do tipo e função das ilustrações aplicadas nas suas diversas áreas, recorrendo a catálogos da 3x3, da Feira de Bolonha e a vários livros de ilustração infanto-juvenil, jornais e revistas, tudo em suporte físico, podendo os alunos manusear os diversos materiais. Foi falado aos alunos da existência de diversos eventos relacionados com a ilustração em Portugal que tem proliferado a exposição de vários ilustradores, como por exemplo, A BIG, Bienal de Ilustração de Guimarães, Festa da Ilustração de Setúbal, o Braga em Risco em Braga, Encontro Bienal de Ilustração de S. João da Madeira, o Fólio Ilustra inserido no Festival Literário Internacional de Óbidos entre outros e de galerias/livrarias ligadas à área como a Senhora Presidente e a Ó! Galeria ambas no Porto, a Tinta nos Nervos em Lisboa e outras.

De seguida foi lida a proposta em voz alta por mim e a seguir expuseram-se dúvidas que foram surgindo.

Foi entregue a história completa, dividida em cenas, conforme o original e pedido aos alunos para lerem com atenção e escolherem as partes a representar com a condição de serem situações seguidas.

Os pontos seguintes foram comunicados aos alunos durante e no início do desenvolvimento do trabalho.

Imagem sequencial:

- Ler imagens em sequência, uma habilidade complexa, em grande parte adquirida de forma inconsciente, durante a infância. Nas culturas ocidentais aprendemos a ler, tanto palavras como imagens, da esquerda para a direita e de cima para baixo;
- Ritmo Visual:
 - O ritmo de uma narrativa é crucial para manter a atenção e interesse do leitor na história. Pode ser realizado de várias formas:
 - Variando o tamanho das imagens;
 - Mudando o ponto de vista;
 - Alterando a composição (não a repetindo)
 - A urgência em mudar de página pode ser enfraquecida se os planos forem repetitivos, em termos de forma, cor ou escala. Cada plano deve ser desenhado/ planejado em relação ao precedente e ao posterior.



Figura 35. Exemplo de uma variedade compositiva.

Queria salientar que a melhor maneira de prever o que se vai passar num livro ou numa sequência de imagens, é fazer um storyboard.

- Storyboard:
 - Quando se está a planear um livro ou sequência de imagens, é importante trabalhar a sucessão de forma clara, ao fazer as várias páginas num mesmo plano bidimensional, temos uma visão geral do livro em simultâneo. Isto permite numerosas tentativas de planear e estruturar a sequência. Permite também, de forma básica, planear onde colocar o texto.

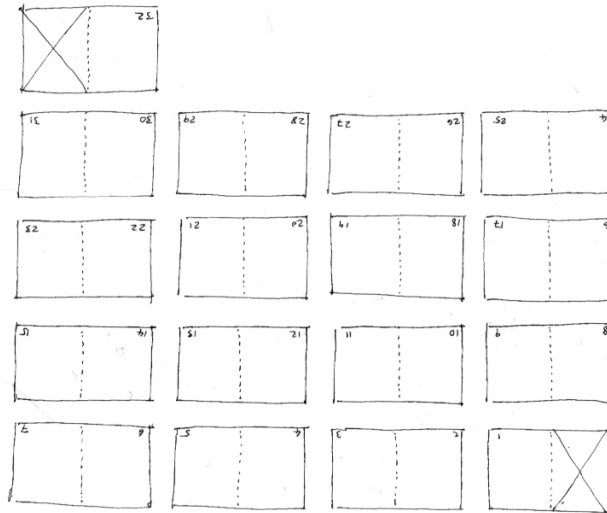


Figura 36. Esquema de Planificação.

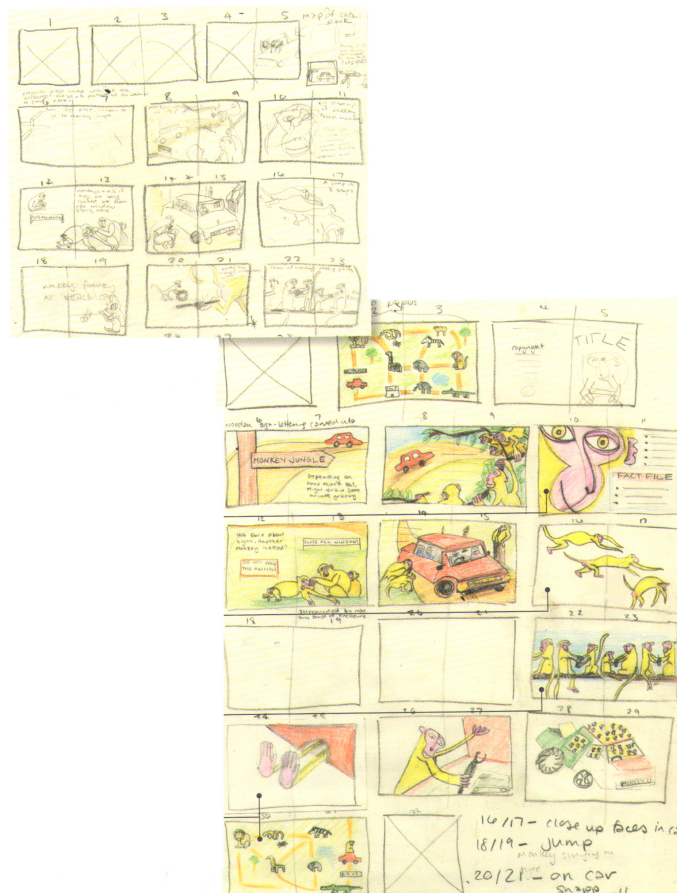


Figura 37. Exemplo de Storyboard.

Desenvolvimento de personagens – características físicas e psicológicas

- A construção das personagens é fundamental para um bom resultado, quem as desenha tem de acreditar nelas, só assim serão convincentes para os outros.

“Successful character development requires a combination of two things: first, a keen and slightly voyeuristic interest in the vagaries and eccentricities of human nature, and second, the ability to represent these eccentricities through a draw line. First may be inherent; the second can be learned.”

(Salisbury, Martin: 2004:62)

- Os esboços desempenham um papel vital nos primeiros estágios do processo. Um único esboço pode sugerir uma boa personagem, mas, só depois de a desenhar noutras posições e ângulos e em diferentes estados anímicos é que conseguimos uma personagem viva e coerente.
- De acordo com estes parâmetros pedi aos alunos a exploração da personagem através de esboços em diferentes posições, para depois poderem diversificar a personagem e os planos em que está inserida.



Figura 38. Esboços de Paula Metalf.



Figura 38. Paula Metalf.

De um modo geral a turma recebeu com entusiasmo a proposta apresentada, e o ambiente na sala de aula foi bastante agradável e propício para a execução do trabalho, quando eram aulas com os dois turnos juntos havia mais agitação e uma tendência para se juntarem em pequenos grupos em torno das amizades. Nas aulas de um turno, cerca de 12 alunos, fazia uma espécie de ilha para eles se juntarem em “círculo”, pois envolviam-se mais no trabalho, comentavam os desenhos um dos outros de forma positiva e trabalhavam mais o que não acontecia quando estavam nos lugares estipulados. Na minha apresentação inicial falei-lhes da minha experiência como ilustrador e que quando me encomendavam ilustrar um livro a primeira coisa que fazia era ler várias vezes a história, para a interiorizar e ter uma clareza da narrativa na sua totalidade, para distinguir os momentos mais importantes e que são mais apelativos a ilustrar. A seleção das partes a ilustrar depende naturalmente de cada ilustrador e da visão que tem para o trabalho. Foi-lhe pedido, apesar de ser de leitura fácil, que lessem com atenção e fossem sublinhando o que lhes parecesse mais apelativo para ilustrar.

4.2. A escolha do texto

O lobo na literatura infantil sempre foi caracterizado “*através dos estereótipos de mau, traiçoeiro, assustador...*”. Na versão dos irmãos Grimm existe a presença dos três porquinhos, Prático, Heitor e Cícero e o lobo mau que tinha como objetivo devorar os porquinhos.

Scieszka (1993), pelo contrário, reconta a história a partir da perspectiva do lobo que neste caso dá-se pelo nome de Alex e é narrador e personagem da história. Alex conta a história com outra versão dos factos:

A narrativa desenvolve-se através do facto de que o lobo precisava de açúcar para fazer um bolo de aniversário para a avó e foi pedindo aos vizinhos um a um, que eram os porquinhos. Como ele estava com uma grande constipação e a espirrar violentamente, acabou por acidentalmente deitar as casas abaixo. Por infelicidade, os porquinhos faleceram com o derrube de cada casa e o lobo como era e alimentava-se de porcos, acabou por os comer, para não desperdiçar.

Através da argumentação que o Alex vai dando ao longo da história conforme referem Nascimento e Melo (2020), a argumentação do lobo procura desconstruir a outra versão da história, apresentando a sua:

“Já na releitura de Scieszka (1993), apresenta-se um lobo descaracterizado da figura de mau. A imagem da personagem é construída de forma contrária à da história original e o próprio Lobo, narrador da história, vai se apresentando e construindo a narrativa através de argumentos que desconstroem o estereótipo de mau.

Em A verdadeira história dos três porquinhos é dada a palavra ao Lobo, que agora contará outra versão dos fatos, tendo como “verdade” não mais a narrativa dos três porquinhos, mas sim o ponto de vista do Lobo, que constrói toda uma argumentação a fim de atribuir aos três porquinhos a figura de mau.

Em suma, a história se desenvolve em torno da narrativa de que o Lobo estava resfriado e espirrando bastante, e, ao fazer um bolo de aniversário para a sua avó, se deu conta de que estava faltando Açúcar, o que o levou a pedir ajuda aos vizinhos, que eram porquinhos, mas estes não quiseram lhe ajudar e como ele estava espirrando, por conta do resfriado, acabou derrubando a casa dos porquinhos, sem que tivesse essa intenção.

A obra de Scieszka (1993) dá ao Lobo a oportunidade de explicar outra versão dos acontecimentos, proporcionando ao leitor uma nova forma de ver a história e de poder decidir em quem acreditar, tendo, agora, dois pontos de vista em relação ao desenrolar dos acontecimentos narrados.

Passemos, então, para os aspectos que dizem respeito à relevância do argumentar diante dos textos que produzimos, a fim de conduzir o leitor a percorrer os caminhos pelos quais desejamos que ele percorra.

Através das análises aqui expostas, pudemos observar a importância das estratégias argumentativas utilizadas na defesa de um posicionamento. Verificamos, pois, que o Lobo se utilizou de diversos recursos argumentativos que apontavam para o alcance de seu objetivo, no caso, provar a sua inocência, se desfazendo do estereótipo de “lobo mau” imposto a ele na história original Os três porquinhos.

Constatamos, então, que para a desconstrução do estereótipo de “lobo mau” o Lobo Alex, narrador-personagem, lançou mão de estratégias argumentativas como a recategorização de referentes, sequências textuais e escolhas lexicais adequadas, elementos que foram cruciais para a produção de uma narrativa que induzisse o leitor a acreditar na veracidade de suas palavras e na legitimidade de seus argumentos. “Nascimento & Melo (2020).

4.3. Escolha dos Materiais

No desenvolvimento da proposta a trabalhar, pedi aos alunos que utilizassem os materiais que tivessem disponíveis, desde que, no caso de usarem papel, que esse fosse adequado aos materiais usados, no mínimo entre 180 a 300 gramas, para poder suportar os materiais sem danificar o papel e também com o objetivo de aumentar a durabilidade do trabalho.

Os alunos utilizaram diversos tipos de material, tais como:

- Papel aquarela;
- Papel cavalinho estrangeiro;
- Guaches;
- Acrílicos;
- Lápis de cor;
- Marcadores;
- Canetas.

Tive a atenção de referir que a escolha do material e a técnica teriam uma importante influência na comunicação da mensagem ao observador, advertência que vai de encontro à seguinte citação de Madureira (2023):

“(...)a escolha da técnica é feita em função da ideia a representar. Num cartaz, por exemplo, a escolha da cor de fundo, verde ou vermelho, tem implicações na forma como fazemos a leitura desse cartaz. Tal como na escolha cromática, também a escolha da técnica produz diferentes interpretações na leitura da imagem. Um círculo preto, por exemplo, tem diferentes conotações, dependendo da técnica com que é executado: mais técnico, se for desenhado vectorialmente; mais imperfeito se for recortado numa cartolina; mais gestual se for realizado com um pincel grosso; mais expressivo se for feito na técnica de linóleo onde, além dos contornos menos rigorosos, ganha também textura interior; etc. Assim, uma mesma imagem, dependendo da maneira como é desenhada, dá-nas diferentes orientações sobre a forma de a interpretar. A escolha da técnica é, então, de grande relevância e poderá indicar, até mesmo reforçar, a mensagem.” Madureira (2023:160)

4.3. Planificação das Aulas

As aulas ministradas foram 6, além das aulas observadas em conjunto com a professora orientadora.

Sendo o nosso objetivo o desenvolvimento de competências a nível de ilustração por parte dos alunos, as aulas dadas foram planeadas e realizadas de acordo com a seguinte planificação, que apresentamos a seguir.

Aula nº1 | dia 8/05/2024 | Turno 1 + Turno 2 | duração: 135 minutos

Aprendizagens essenciais:

Apropriação e Reflexão

- avaliar o trabalho por si e pelos seus pares, justificando as soluções que encontraram;
- exploração intencional dos elementos estruturais da linguagem visual;
- referenciar fontes de pesquisa.

Experimentação e Criação

- reconhecimento da importância do desenho como forma de pensar e comunicar.
- justificar a intencionalidade das suas composições, explicando o modo como organizou os elementos no campo visual.

Tema da Aula: Introdução à ilustração

1. Objetivos:

- a) Leitura do guião da proposta em voz alta;
- b) Análise da narrativa do livro escolhido;

2. Recursos:

- a) Livro escolhido;
- b) Diário gráfico;
- c) Lápis de grafite
- d) Vários livros e catálogos sobre ilustração;

3. Atividades:

- a) Introdução ao tema (15 minutos)
 - Apresentação do livro de Scieszka (1993), e a sua importância na literatura
 - Discussão sobre a importância das ilustrações na narrativa de um livro
 - Apresentação dos objetivos da aula:
 - Criar 2 ilustrações de dupla página

b) Análise da narrativa (30 minutos)

- Leitura do texto;
- Selecionar dois momentos sequenciais;
- Discussão em grupo sobre as personagens principais, cenários e eventos;
- Análise das emoções e características das personagens;

4. Demonstração de técnicas de ilustração (60 minutos)

- Demonstração de técnicas básicas de desenho:
 - Proporção;
 - Sombras;
 - expressões faciais;
 - exemplificação de diferentes estilos de ilustração (realista, abstrato, não figurativo, etc);
 - Ritmo e composição
 - Enquadramento do texto na lustração;
 - Esboços e storyboard (planificação);
 - Início de realização de esboços no diário gráfico

5. Reflexão (20 minutos)

- Sistematizar aprendizagens;
- Conclusão da aula.

Aula nº2 | dia 9/05/2024 (T1) e 14/05/2024 (T2) | Turno 1 + turno 2 | duração: 135 minutos

Tema da Aula: Esboços

1. Objetivos:

- Realização de esboços esquemáticos para as ilustrações;

2. Recursos:

- Diário gráfico
- Lápis de grafite
- Material livre

3. Atividades:

- Introdução
 - Sistematizar a aula anterior;
 - Apresentar o objetivo da aula;
 - Realização de esboços para duas ilustrações do conto.

4. Esboços

- Leitura do guião;
- Estudo de cor;
- Estudo de linha;
- Estudo de materiais.

6. Reflexão e conclusão

Aula nº3 | dia 15/05/2024 | Turno 1 + Turno 2 | duração: 135 minutos

Tema da Aula: Partilha e reflexão sobre a primeira ilustração

1. Objetivos:

- Partilhar as ilustrações realizadas;
- Discutir o progresso feito;
- Refletir sobre as opções feitas;
- Realizar a segunda ilustração

2. Recursos:

- Diário gráfico;
- Lápis de grafite;
- Material livre.

3. Atividades:

- Introdução
 - Sistematizar a aula anterior;
 - Apresentar o objetivo da aula;
 - Realização de esboços para duas ilustrações do conto.

4. Esboços

- Leitura do guião;
- Estudo de cor;
- Estudo de linha;
- Estudo de materiais.

7. Reflexão e conclusão

Aula nº4 | dia 16/05/2024(T1) e 21/05/2024 (T2) | duração: 135 minutos

Tema da Aula: Partilha e reflexão sobre a segunda ilustração

1. Objetivos:

- Partilhar as ilustrações realizadas;
- Discutir o progresso feito;
- Refletir sobre as opções feitas;
- Realizar a segunda ilustração

2. Recursos:

- Diário gráfico;
- Lápis de grafite;
- Material livre.

3. Atividades:

- Introdução
 - Sistematizar a aula anterior;
 - Apresentar o objetivo da aula;
 - Realização de esboços para duas ilustrações do conto.

4. Esboços

- Leitura do guião;
- Estudo de cor;
- Estudo de linha;
- Estudo de materiais.

8. Reflexão e conclusão

Aula nº5 | dia 22/05/2024 | Turno 1 + Turno 2 | duração: 135 minutos

Tema da Aula: Conclusão da proposta

1. Objetivos:

- Finalização do trabalho;
- Discutir o progresso feito;
- Refletir sobre as opções feitas;

2. Recursos:

- Diário gráfico;
- Lápis de grafite;
- Material livre.

3. Atividades:

- Introdução

- Sistematizar a aula anterior;
- Apresentar o objetivo da aula;
- Realização dos trabalhos finais

2. Reflexão e conclusão

Aula nº6 | dia 23/05/2024 (T1) 28/05/2024 (T2) | Turno 1 + Turno 2 | duração: 135 minutos

Aprendizagens essenciais:

Tema da Aula: Reflexão final

1. Objetivos:

- Exposição dos trabalhos
- Auto-avaliação
- Hétero avaliação

3. Atividades:

- Apresentação individual dos trabalhos finais perante a turma
 - Dinâmica de grupo em que cada um partilha as ilustrações, discutindo as escolhas estéticas utilizadas e como estas contribuíram para transmitir as ideias do texto;
 - Discutir as aprendizagens realizadas com a atividade;
 - Discutir a importância da prática contínua do desenho para melhoramento das competências dos alunos.

3. Conclusão

4.4. Avaliação

No final do guião entregue aos alunos, coloquei os critérios de avaliação sobre os quais as ilustrações seriam analisadas. É extremamente útil para os alunos saberem como serão avaliados, não apenas por uma questão de clareza do que é pedido, mas também que se esforcem na execução do trabalho com objetividade. Os critérios foram os seguintes:

1. Técnica e habilidade:

- Precisão e domínio das técnicas utilizadas.
- Uso adequado de materiais (lápis, tinta, aquarela, etc.).
- Proporções e perspetiva corretas.

2. Criatividade e originalidade:

- Inovação e originalidade na concepção da ilustração.
- Capacidade de transmitir uma ideia ou conceito de forma única.
- Uso criativo de elementos visuais e compositivos.

3. Composição e design:

- Organização dos elementos na página.
- Equilíbrio, harmonia e proporção na disposição dos elementos.
- Uso efetivo do espaço negativo e positivo.

4. Expressão e impacto visual:

- Capacidade de comunicar emoções ou narrativas através da imagem.
- Força e clareza da mensagem visual.
- Impressão geral e impacto estético.

Foram atribuídos a cada item 5 pontos num total de 20. Os critérios de avaliação foram decididos juntamente com a professora cooperante, tendo como base o documento dos critérios de avaliação de Desenho A do 11ºano (anexo 4)

Posteriormente foi-lhes dito que precisavam de fazer uma exposição oral sobre o trabalho final, com o seguinte itinerário:

1. Sequência dos itens dados no guião.
2. Terem em atenção a qualidade do discurso.
3. Terem em atenção na qualidade dos argumentos.
4. Segurança nos conteúdos.
5. Controlar o tempo dado.

Este itinerário serviu para os alunos poderem fazer uma análise sobre o seu trabalho com os seus colegas, falando do porquê das suas escolhas, para encontrar os pontos fortes e áreas a melhorar de forma a melhorar a comunicação e apresentarem um trabalho coeso sempre na perspectiva de os munir de espírito reflexivo para conhecerem o seu processo criativo e saber onde melhorar em futuros trabalhos. Outras estratégias de avaliação para regular as aprendizagens são essencialmente de carácter formativo, formuladas da seguinte maneira:

- Questionamento oral
- Feedback construtivo
- Observação direta
- Registos escritos (grelhas)
- Capacidade de compreensão conceptual
- Trabalho autónomo realizado

Durante o tempo do estágio fiz uma avaliação diagnóstica, com o objetivo de identificar o que os alunos já conheciam e as competências que já possuíam. Fui auscultando as suas particularidades, motivações e as suas necessidades. Com este acompanhamento dos trabalhos realizados ao longo do tempo, com a Professora Cooperante, fui-me apercebendo da evolução dos alunos, refletindo sobre as suas dificuldades, para mais tarde conseguir abordagens personalizadas mais eficientes. A avaliação formativa foi realizada durante todo o período das aulas propostas.

Fiz um acompanhamento de cada aluno ao longo do processo, numa primeira fase discutindo acerca do texto, tentando perceber qual o motivo da escolha de determinada passagem em vez de outra e sequencialmente fui seguindo a execução dos esboços no diário gráfico, questionando/refletindo sempre as opções que iam surgindo, fazendo-os refletir se as soluções que encontraram funcionariam para comunicar de forma eficiente o conteúdo e a ação do texto permitia-os alguma autonomia na tomada de decisões.

Pedi-lhes, dentro do possível que me apresentassem as pesquisas e referências que foram colhendo, tanto em livros como na internet.

Fiz questão de lembrar, a cada momento, que as ilustrações não tinham que ser figurativas/realistas e que podiam experimentar outras formas que não as tradicionais. Propus até que podiam representar as personagens com formas geométricas sem nenhuma referência à forma de animal ou humana, mas para optarem sempre pelas técnicas com as quais se sentiam mais seguros e confortáveis.

Em relação aos materiais também não coloquei restrições, apenas que usassem o que tinham disponível até para não terem despesas adicionais. Podiam optar por fazer as ilustrações totalmente em digital, se existisse alguém que assim preferisse.

Alertei para a importância da escolha do material, já que tem um papel importante na comunicação do trabalho final.

Após a finalização dos trabalhos fiz uma avaliação com os critérios acima referidos, juntamente com a apresentação oral que os alunos fizeram na última aula.

Verifiquei que quase metade da turma ficou com nota igual ou superior a 15 valores, como pode ser visto na grelha de avaliação (anexo 3).

Existiram alunos com notas mais baixas, muito pela desmotivação de não quererem ter a disciplina de desenho e não quererem seguir a área artística.

4.5. Trabalhos finais dos alunos

Depois de todos os trabalhos desenvolvidos pelos alunos, apoiados por mim, e alvo de uma exposição no Liceu D. Maria, vou tecer algumas considerações sobre alguns exemplos. De um modo geral posso concluir que os estudantes não arriscaram fazer os trabalhos de um modo mais experimental, ficaram pelas técnicas que dominam e que se sentem seguros. Acredito que pelo facto de haver uma grande preocupação pelas notas finais e uma tendência para o uso do desenho com preocupações realistas, muito incutido pelo programa de Desenho, tenham contribuído para o resultado final.

O tempo da proposta possivelmente também impediu um certo grau de experimentação e risco.

Maior parte dos estudantes trabalharam os esboços iniciais no diário gráfico, com várias tentativas para definir a personagem, mas houve muitos que não foram mais além do que o primeiro esboço ou até já tentavam fazer um desenho mais finalizado

sem sequer experimentar outras possibilidades. Na fase inicial do trabalho tive que estar sempre a seguir aluno por aluno e lembrá-lhes a necessidade de fazer vários esboços porque é daí de onde podem testar ideias sem grande trabalho técnico e escolher a que achavam mais adequado. Fiquei com a ideia de que a ideia de esboço foi pouco trabalhada ao longo do 10º ano. A entrega do Guião ajudou um pouco para eles poderem tirar alguma dúvida do que lhes era pedido para fazer, mas um acompanhamento individual e persistente teve que ser levado a cabo.

Lembro-me de repetir demasiadas vezes, na altura em que estavam a pensar na composição, de deixar espaço suficiente para o texto de modo que ele pudesse “respirar”, isto é, ter uma leitura clara, e ainda assim vários alunos chegaram ao fim com problemas na colocação do texto. Sugeri que o texto podia ser colocado depois de o trabalho estar concluído em versão digital, mas poucos acolheram a ideia.

No caso da aluna B, fez logo o desenho na folha final e pintou de seguida com os marcadores com muita segurança, apesar disso questionei-a sobre a composição, que não variava de ângulo de visão de uma imagem para outra, mas como tinha vários elementos diferentes por trás da figura do Lobo, acabou por funcionar. Ao longo do processo constatei que não tinham o hábito de fazer esboços preparatórios, alguns alunos, poucos, quase que tinham o diário gráfico imaculado, sensibilizei-os para a importância dos esquemas e esboços para antecipar problemas, encontrar soluções e poupar dissabores em fases mais avançadas do trabalho. Incitei os alunos a usar regularmente o diário gráfico, por se revelar um valioso e “*verdadeiro suporte de experimentação e registo pessoal*” (Jesus e Santos, 2015, p. 232).



Figura 40. Trabalho realizado por aluna A.

O trabalho realizado pela Aluna A foi executado com qualidade e expressividade, mas, no entanto, falhou na colocação do texto, uma vez que se encontra demasiado próximo das margens e não facilita a leitura, uma vez que está demasiado perto e confunde-se com a ramagem da árvore, isto só aconteceu por não ter tido mais atenção à sua colocação na fase inicial do trabalho. Depois de ter visto o diário Gráfico da aluna vi que desenhava bastante e possivelmente por isso já tinha um estilo/identidade fácil de identificar, era capaz de reconhecer este trabalho como sendo dela (Fig.39), só por ter visto os desenhos que tinha no diário gráfico.



Figura 42. Trabalho realizado por aluna B.



Figura 41. Trabalho realizado por aluna B.

O trabalho realizado pela Aluna B foi muito bem executado, tanto em termos de qualidade como expressividade, mas em termos de composição apenas usou um plano frontal, mas duas imagens, o que torna a leitura um pouco estática. É de ressaltar a rapidez e dedicação na execução do trabalho.



Figura 44. Trabalho realizado por aluna C.



Figura 43. Trabalho realizado por aluna C.

O trabalho realizado pela Aluna C foi executado em aquarela, mostrando um domínio do material. Em termos compositivos, a mudança de plano, de um plano próximo para um mais afastado, resultou bem em termos de ritmo e dinamismo da passagem. A aluna influenciava-se muito pelo gosto que tinha por banda desenhada.



Figura 46. Trabalho realizado por a aluna D.



Figura 45. Trabalho realizado por a aluna D

A Aluna D preocupou-se em criar um registo mais próximo da suposta audiência a que o livro era dirigido. O trabalho tem um lado mais cômico e leve, o que se pode ver na imagem do lobo, que é amigável. Consegue também desmistificar a imagem do lobo mau, que era a finalidade do texto original.



Figura 47. Trabalho realizado por aluno E.



Figura 48. Trabalho realizado por aluno E.



Figura 50. Trabalho realizado por aluna F.



Figura 49. Trabalho realizado por aluna F.

Aluna F executou um trabalho com muita qualidade técnica, mas não respeitou a linha divisória (na proposta referi que cada formato A4 era uma dupla página). Ao dobrar a folha a meio, perder-se-ia a leitura do texto e mesmo do lobo. A composição está demasiado estática, os planos basicamente foram decalcados e não variaram de ponto de vista.

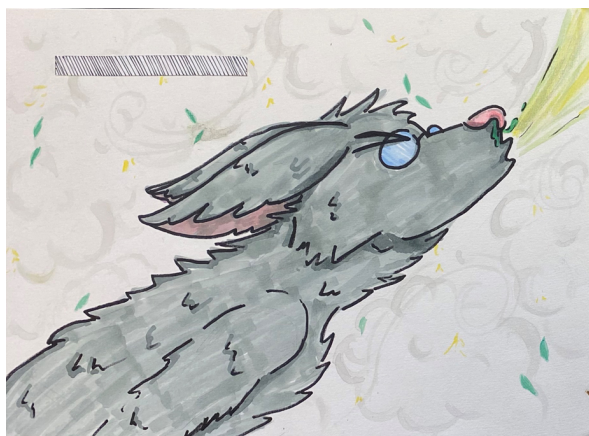


Figura 52. Trabalho realizado por aluna G.



Figura 51. Trabalho realizado por aluna G.

O trabalho da aluna G parece-me que funcionou bastante em termos de ritmo e composição, porque usou, no primeiro plano, uma diagonal ascendente e no segundo plano uma diagonal descendente. A colocação do texto foi bem pensada, principalmente no segundo plano, onde o texto acompanha a curvatura da palha onde se encontra o porco. O lobo tem um ar inofensivo e que realmente só comeu o porco porque ele estava ali á disposição e morto, claro.



Figura 53. Trabalho realizado pelo aluno H.



Figura 54. Trabalho realizado pelo aluno H.



Figura 55. Trabalho realizado por aluna I.



Figura 56. Trabalho realizado por aluna I.

O trabalho da Aluna I, além de ter sido executado com um traço e técnica simples, com pouca variação da paleta de cores, funciona bem em termos de leitura e de mensagem. Achei curiosa a solução que encontrou para ilustrar a passagem que diz: “Mas como estava dizendo, todo esse papo de Lobo Mau estava errado. A verdadeira história é sobre um espirito e uma xícara de açúcar”, mostrando a imagem de um quadro na parede com um nariz de ponta vermelha somado ao açúcar e à xícara.

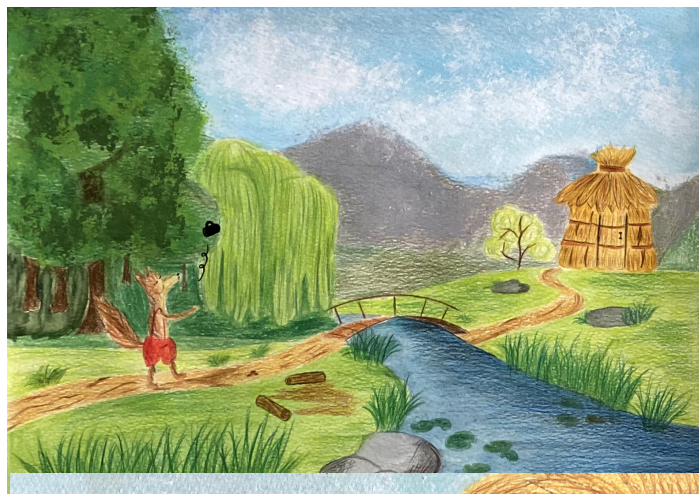


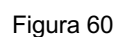
Figura 58. Trabalho realizado por aluna J.



Figura 57. Trabalho realizado por aluna J.

As ilustrações realizadas pela aluna J, teve fragilidade na construção da personagem, Existem incongruências nas características físicas do lobo, o da primeira imagem não é igual ao da segunda, por muito que a cor faça parecer, de fato os calções são diferentes e a anatomia do lobo também, nas pernas existe uma grande diferença.

Pelos resultados obtidos era uma turma promissora, onde se desenvolveram ilustrações mais ricas em variedade e soluções.



CAPÍTULO V- Considerações finais

5.1. Sobre a responsabilidade profissional

A minha aferição final sobre o meu desempenho enquanto docente em formação, do segundo ano do MEAV, que se debruçou, essencialmente, sobre a minha ação nos domínios científico e pedagógico, é a de que consegui ultrapassar os desafios.

Planifiquei uma unidade didática sobre "Os Anti-heróis nos contos de fadas" em que, através da ilustração do conto "A Verdadeira História dos Três Porquinhos por A. Lobo, tal como foi contada a Jon Scieszka", levou os alunos a refletirem sobre a importância da reversão dos mitos e o seu ressignificado, criando assim, novas narrativas e desmistificação de conceitos tais como, o bem e o mal ou o belo e o feio. Aqui podemos compreender que os dois lados têm suas verdades e que o mundo não é todo "preto no branco", mas sim com vários tons.

Através desta temática, penso ter demonstrado um compromisso com a inovação e a qualidade do ensino, ao desenvolver um conjunto de atividades e metodologias centradas no aluno e ao questionar, o sentido do que se ensina e como se ensina nas escolas.

Uma das características do meu trabalho foi a sensibilidade para articular a unidade didática com os anseios e necessidades dos alunos. Durante a implementação da proposta didática, utilizei diversos recursos, entre eles livros de ilustradores de referência, com diferentes abordagens e aproximações à ilustração, bem como esboços realizados por mim, e respetivas ilustrações finais impressas em livro. Penso que este foco revelou um entendimento profundo da necessidade de adaptar o ensino às exigências contemporâneas, tornando-o mais relevante e envolvente para os alunos.

Além disso, penso ter refletido de forma crítica sobre as minhas práticas pedagógicas, reconhecendo a importância de desenvolver e/ou alterar planificações ajustando-as ao contexto específico de cada um, quando têm de lidar com os sentimentos e de resolver os seus problemas. Essa reflexão crítica foi fundamental para a minha evolução enquanto docente.

Ao evidenciar uma preocupação constante, articulando os meus valores e as práticas

profissionais com os princípios e perspectivas teóricas adquiridas ao longo do primeiro ano do Mestrado, penso ter demonstrado compreensão da importância das bases teóricas para sustentar a minha prática.

Realço o facto de ter tido a preocupação em assistir a aulas de outros colegas. Seguramente possibilitou-me desenvolver inúmeras competências ao nível da observação e identificação do que pode funcionar bem e o que pode ser melhorado na minha prática docente.

5.2. Sobre a participação/intervenção na escola

Penso ter contribuído, para a prossecução dos objetivos e metas do Projeto Educativo do Agrupamento (PEA) do A.E.D. Maria II (Anexo X), o que me permitiu desenvolver competências pedagógicas não só no ensino do desenho artístico, mas também nas artes visuais em geral.

Organizei uma exposição no AEDMARIAII sobre as ilustrações realizadas pelos alunos, no âmbito da implementação da minha unidade didática, com o intuito de valorizar o trabalho dos alunos e sensibilizar a comunidade educativa para a importância da desmistificação de conceitos na educação dos adolescentes.

Tive necessidade em compreender o funcionamento do espaço escolar, no que diz respeito às infraestruturas ou no que diz respeito aos elementos constitutivos da comunidade educativa. Além disso, demonstrei interesse em entender as dinâmicas de eventos culturais e artísticos inscritos no Plano Anual de Atividades (PAA) (Anexo X), nomeadamente na Exposição Final do Ano no Mosteiro de Tibães, reconhecendo ainda a importância desses eventos para a formação humana dos alunos nas suas múltiplas dimensões.

Nas reflexões semanais, revelei compreensão não apenas do ensino das artes visuais, mas também das práticas e políticas educativas em geral. Destaco o meu interesse pelo funcionamento geral das turmas de artes visuais do 11º ano, pela vida escolar e pelo desempenho dos alunos, evidenciado pela minha participação ativa nos conselhos de turma.

5.3. Sobre a participação em contexto de sala de aula

Durante a prática pedagógica, consciente do meu papel enquanto estagiário e em conformidade com as diretrizes da professora cooperante, preparei e organizei as atividades letivas da minha unidade didática com base em três dimensões essenciais: técnica, humana e político-social. Essas atividades foram planificadas com rigor e seriedade, seguindo critérios de correção científica, pedagógica e didática, e foram organizadas conforme os valores, metas e estratégias delineadas no Projeto Educativo do Agrupamento (PEA), no Plano Anual de Atividades (PAA) e no Plano Curricular de Turma (PCT). Além disso, tive sempre em mente o cumprimento do programa da disciplina de Desenho A, 11º ano, bem como das planificações anuais e periódicas.

No período de aulas realizadas, constatei que os alunos aprenderam de forma significativa e que as estratégias implementadas foram adequadas, conforme o feedback recebido dos próprios alunos. Mostrei-me sempre atento às dúvidas apresentadas pelos alunos, ajustando as minhas planificações para melhor atender às necessidades dos mesmos.

Preocupe-me em promover novas metodologias e abordagens em sala de aula. Entre as estratégias, destacam-se:

- Ajustar o tom de voz;
- Redefinir a disposição da sala de aula;
- Manter os alunos ativamente envolvidos nas atividades;
- Formar grupos de trabalho baseados nos interesses e expectativas dos alunos;

Tentei sempre esclarecer os conteúdos científicos diante das dúvidas apresentadas pelos alunos e esforcei-me por promover momentos de reflexão, tanto individuais quanto coletivos, que incentivaram os alunos a questionar suas opções. Tentei orientá-los com o intuito de melhorar o seu aproveitamento, utilizando uma comunicação oral e escrita clara e adequada, promovendo, assim, o gosto pelo uso correto da língua portuguesa. De modo geral, os procedimentos adotados foram explícitos, intencionais, sistemáticos e eficazes.

Salienta-se o facto de ter mantido uma estreita colaboração com a professora cooperante, demonstrando curiosidade em aprofundar os seguintes domínios:

planificação, reconhecimento dos padrões de comportamento, identificação de momentos propícios à intervenção pedagógica, adaptação e diversificação de estratégias de ensino, gestão de tempo entre a teoria e a prática.

A professora cooperante fez justiça ao nome, aprendi a trabalhar com alguns softwares aplicados à prática docente de que não tinha conhecimento, a plataforma inovar que é um portal onde se pode consultar informações sobre a atividade escolar dos alunos, atualizado em tempo real, sempre que fossem introduzidos dados pelos professores da escola. Pode-se consultar várias informações como os horários dos alunos, lista dos manuais adotados, disciplinas que frequentam, atividades previstas, a introdução de sumários, faltas e registos de comportamento e avaliações.

Outro software que a professora cooperante utilizava e que é muito eficaz que se chama Classroom, uma plataforma gratuita, que facilita muito a interação dos professores com os alunos. Pude enviar a minha proposta de unidade de trabalho para eles e comunicar com muita facilidade além de receber fotografia dos trabalhos. Tem também ferramentas de monitorização do progresso dos alunos o que permite uma visão individual e global do progresso dos alunos. O aluno tem sempre as informações disponíveis e tem uma grande adesão por parte deles.

Outra aplicação que se mostrou útil foi o Google Forms, ferramenta para criar questionários online, é especialmente prática para receber feedback dos alunos sobre a proposta apresentada e auto-avaliações.

Além do software a professora forneceu-me vários sites e até programas de televisão, como por exemplo o Estudo em Casa da RTP, bastante úteis para futuras planificações.

BIBLIOGRAFIA

ACASO, M. (2009). *La educación artística no son manualidades: Nuevas prácticas en la enseñanza de las artes y la cultura visual*. Madrid: Catarata.

ARISMAN, M., & HELLER, S. (2000). *The education of an illustrator*. New York: Allworth Press.

ARISMAN, M., & HELLER, S. (2006). *Teaching illustration*. New York: Allworth Press.

BARBERA, F. (2016). Ensinar a ilustrar: O mundo da representação fantástica. *Revista Matéria-Prima*, 4(2), 146-152.

BARNARD, M. (2001). *Approaches to understanding visual Culture*. New York: Palgrave

BERGER, J. (2003). *Sobre o olhar*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

BERGER, J. (2005). *Modos de Ver*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

BRUZZONE, A. (Ed.). (2023). *Illustrators Annual 2023*. Bologna Children's Book Fair.

CÁMARA, E. (2008). *Ilustración de vanguardia*. Barcelona: Monsa.

COTRIM, J. P. (2022). *Foi Quase um Prazer: A Obra Gráfica de João Paulo Cotrim*. Arranha-Céus.

COYNE, P. (Ed.). (2024). *Communication Arts Illustration Annual 65*. Communication Arts. Belmont, CA.

DOYLE, S., GROVE, J., & SHERMAN, W. (2019). *History of illustration*. Bloomsbury.

DUARTE, J. T., & COTRIM, J. P. (Dirs.). (2016). *Ilustração Portuguesa 2016*. Arranha-Céus.

EVANS, D. (2008). *Show and tell: Exploring the fine art of children's book illustration*. San Francisco: Chronicle Books.

FREEDMAN, K. (2006). *Enseñar la cultura visual*. Barcelona: Octaedro

GIROUX, H. (1997). *Os Professores como intelectuais: Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.

GOMBRICH, E.H. (1995). *Shadows – The Depiction of Cast Shadows in Western Art*, Londres: National Gallery Publications

GROVE, J. (2018). The theoretical turn and pedagogy in illustration education. *Journal of Illustration*, 5(2), 179-190.

HERNANDÉZ, F. (2000). Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artmed

HERNÁNDEZ, F. (2007). Catadores da Cultura Visual, proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Editora Mediação.

- HIVELY, C. (Ed.). (2021). *Three by Three International Illustration Annual*. Artisanal Media LLC.
- ISKIN, R. (2014) *The Poster. Art, Advertising, Design, and collecting, 1860s-1900s*. Dartmouth College Press.
- JESUS, P., & Santos, P. (2015). Referência e apropriação: Da cópia à autoria. *Revista Matéria-Prima*, 3(1), 222-233.
- MANUEL, T. (Dir. Art.). (2021). *BIG 3ª Bienal de Ilustração de Guimarães*. Arranha-Céus.
- MASSIRONI, M. (1996). *Ver pelo desenho*. Lisboa: Edições 70.
- MCCORQUODALE, D., HALLAM, S., & WAITE, L. (2009). *Illustrated children's books*. London: Black Dog Publishing.
- MIRZOEFF, N. (2003). *Una introducción a la cultura visual*. Barcelona: Paidós
- MITCHELL, W. J. T. (1995). *Picture theory: Essays on verbal and visual representation*. Chicago: University of Chicago Press.
- NASCIMENTO, O., & de MELO, B. O. (2020). Estratégias argumentativas para a desconstrução do estereótipo do “lobo mau” na obra *A verdadeira história dos três porquinhos* de Jon Scieszka. *Fólio - Revista de Letras*, 11, 10.22481/folio.v11i2.5517.
- REES, D. (2008). *How to be an illustrator*. London: Laurence King Publishing Ltd.
- RODRIGUES, A. (2003). *Desenho*. Quimera Editora.
- SALISBURY, M. (2004). *Illustrating children's books: Creating pictures for publication*. New York: Barron's.
- SALISBURY, M. (2022). *Drawing for illustration*. London: Thames & Hudson.
- SELBY, A. (2023). *Editorial illustration: Context, content and creation*. London: Bloomsbury.
- SOUSA, C., AMANDI, C., ALMEIDA, P., SILVESTRE, D., CARDOSO, J. M., RUI COSTA, M., ALBINO, M., SAN-PAYO, M., MADUREIRA, M., SOUSA, N., TAVARES, P, MOURA, P., CABAU, P., & JORGE, S. (2023). *DOCE: Desenho, ordem, caos e ensino*. Instituto de Investigação em Design, Média e Cultura, ID+.
- WIGAN, M. (2006). *Thinking visually*. Lausanne: AVA.
- ZEEGAN, L. (2005). *The Fundamentals of Illustration*. Lausanne: AVA.

Documentação consultada:

AE - Aprendizagens Essenciais de 11º ano de Desenho A (2018), disponível em:
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/10_desenho_a.pdf

DAC - Domínios de Autonomia Curricular, disponível em:
<https://estudoemcasaapoia.dge.mec.pt/dac>

Diário de Estágio, 2023/2024. Documento-arquivo pessoal.

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos_Disciplinas_novo/desenho_a_10_11_12.pdf

PASEO - Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória. (2017) Ministério da Educação, disponível em:
https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

PROGRAMA DE DSESENHO A 10º, 11º e 12º anos. Curso científico-Humanístico de Artes Visuais, disponível em:

PROJETO EDUCATIVO 2022-2026, Agrupamento de Escolas D.Maria II, Braga, disponível em: <https://www.aedonamaria.pt/content/projeto-educativo>

RAMOS, A (Coord.), QUEIROZ, J., BARROS, S. & REIS, V. (2001). *Programa de desenho 10º ano*. Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário. Disponível on-line em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos_Disciplinas_novo/Curso_de_Artes_Visuais/desenho_a_10.pdf.

ANEXOS

Anexo 1. Texto

A verdadeira história dos Três Porquinhos por A. Lobo

tal como foi contada a Jon Scieszka
ilustrada por Lane Smith

1. Em todo o mundo,
as pessoas conhecem a história
dos Três Porquinhos. Ou, pelo
menos, acham que conhecem.
Mas eu vou contar um
segredo. Ninguém conhece
a história verdadeira, porque
ninguém jamais escutou
o meu lado da história.

2. Eu sou o lobo. Alexandre T. Lobo.
Pode me chamar de Alex.
Eu não sei como começou todo esse papo de Lobo Mau,
mas está completamente errado.

3. Talvez seja por causa de nossa alimentação.
Olha, não é culpa minha se os lobos comem bichos engraçadinhos
como coelhos e porquinhos. É apenas nosso jeito de ser. Se os
cheeseburgers fossem uma gracinha, todos dias iam achar que você é mau.

4. Mas como estava dizendo,
todo esse papo de Lobo Mau está errado.
A Verdadeira história é sobre um espirro e uma xícara de açúcar.

5. No tempo do Era Uma Vez,
eu estava fazendo um bolo de
aniversário para minha querida
e amada vovozinha.
Eu estava com um resfriado
terrível, espirrando muito.
Fiquei sem açúcar.

6. Então resolvi pedir uma xícara de açúcar emprestada
para o meu vizinho.
Agora, esse vizinho era um porco.
E não era muito inteligente também.
Ele tinha construído a sua casa toda de palha.
Dá para acreditar? Quero dizer, quem tem a cabeça
no lugar não constrói uma casa de palha.

7. É claro que, assim que bati, a porta caiu. Eu não sou de ir
entrando assim na casa dos outros. Então chamei: "Porquinho,
Porquinho, você está aí?". Ninguém respondeu.
Eu já estava pronto de voltar para casa sem o açúcar para
o bolo de aniversário da minha querida e amada vovozinha.

8. Foi quando meu nariz começou a coçar.
Senti o espirro vindo.

então inflei.
E bufei.

9. E soltei um grande espirro.

10. Sabe o que aconteceu? Aquela maldita casa de palha desmoronou interinha. E bem no meio do Monte de palha estava o Primeiro Porquinho—mortinho da silva.
Ele estava em casa o tempo todo.

11. Seria um desperdício deixar um presunto em excelente estado no meio daquela palha toda. Então eu o comi.
Imagine o porquinho como se ele fosse um grande cheeseburger dando sopa.

12. Eu estava me sentindo um pouco melhor. Mas ainda não tinha minha xícara de açúcar. Então fui até casa do próximo vizinho.
Esse vizinho era irmão do Primeiro Porquinho.
Ele era um pouco mais esperto, mas não muito.
Tinha construído a sua casa com lenha.

13. Toquei campainha da casa de lenha.
Ninguém respondeu.
Chamei: "Senhor Porco, senhor Porco, está em casa?".
Ele gritou de volta: "Vá embora, Lobo. Você não pode entrar.
Estou fazendo a barba detinha bochechas rechonchudas".

14. Eu tinha acabado de pegar na maçaneta quando senti outro espirro vindo.
Eu inflei. E bufei. E tentei cobrir minha boca, mas soltei um grande espirro.

15. Você não vai acreditar, mas a casa desse sujeito desmoronou igualzinho à do irmão dele.
Quando a poeira baixou, lá estava o Segundo Porquinho — mortinho da silva. Palavra de honra.

16. Na certa você sabe que a comida estraga se ficar abandonada ao relento.
Então fiz a única coisa que tinha de ser feita.
Jantei de novo.
Era o mesmo que repetir um prato.
Eu estava um pouco melhor do resfriado.
E eu ainda não conseguia aquela xícara de açúcar para o bolo de aniversário da minha querida e amada vovozinha.
Então fui até a casa do próximo vizinho.
Esse sujeito era irmão do Primeiro e do Segundo Porquinho.
Devia ser o crânio da família.
A casa dele era de tijolos.

17. Bati na casa de tijolos. Ninguém respondeu.
Eu chamei: "Senhor Porco, o senhor está?".
E sabe o que aquele leitãozinho atrevido me respondeu?
"Cai fora daqui, Lobo. Não me amole mais."

18. E venham me acusar de grosseria!
Ele tinha provavelmente um saco cheio
de açúcar.
E não ia me dar nem uma xicrinha para
o bolo de aniversário da minha querida
e amada vovozinha.
Que porco!
Eu já estava quase indo embora para
fazer um lindo cartão de aniversário em vez
de um bolo, quando senti um espirro vindo.
Eu inflei.
E bufei.
E espirrei de novo.
Então o Terceiro Porquinho gritou:
" E a sua velha vovozinha pode ir às favas".

19. Sabe, sou um cara geralmente
bem calmo. Mas, quando alguém
fala desse jeito da minha vovozinha,
eu perco a cabeça.
Quando a polícia chegou, é evidente
que eu estava tentando arrebentar a
porta daquele porco. E todo o tempo eu
estava inflando, bufando e espirrando
e fazendo uma barulheira.

20. O resto, como dizem, é história.
Tive uma azar: os repórteres descobriram
que eu tinha jantado os outros dois porcos.
E acharam que a história de um sujeito doente
pedindo açúcar emprestado não era muito
emocionante. Então enfeitaram e exageraram
a história com todo aquele negócio de
" bufar, assoprar e derrubar sua casa".
E fizeram de mim o Lobo Mau.
É isso aí.
Esta é a verdadeira história.
Fui vítima de uma armação.
Mas talvez possa me emprestar uma xícara de açúcar.

Tradução do Inglês para Português do Brasil por

Pedro Maia, Companhia das Letrinhas.

Anexo 2. Guião da Proposta didática.

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS D. MARIA II

Desenho A - 11º G

Projeto: Ilustração de um conto.

Uma ilustração é uma decoração, interpretação ou explicação visual de um texto, conceito ou processo.

A definição do que é ilustração não é de todo fácil mas para simplificar diremos que é uma arte aplicada, serve sempre de resposta a algum pedido específico.

A ilustração tem diversas funções e usos, pode ser usada para Publicidade, animação, livros (poesia, prosa, para crianças), banda desenhada, capas, jornais, embalagens, vídeo jogos, etcetera.

1. Tipos de ilustração/ expressão e natureza comunicacional

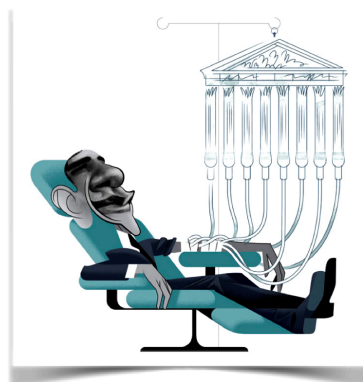
- 1.1. descritivas
- 1.2. narrativas
- 1.3. ficcionais
- 1.4. expressivas
- 1.5. figurativas
- 1.6. abstracta
- 1.7. realista/ não realista
- 1.8. compósitas
- 1.9. outras

Ilustradores de referência

André da Loba (ilustração editorial)



André Carrilho (cartoon político)



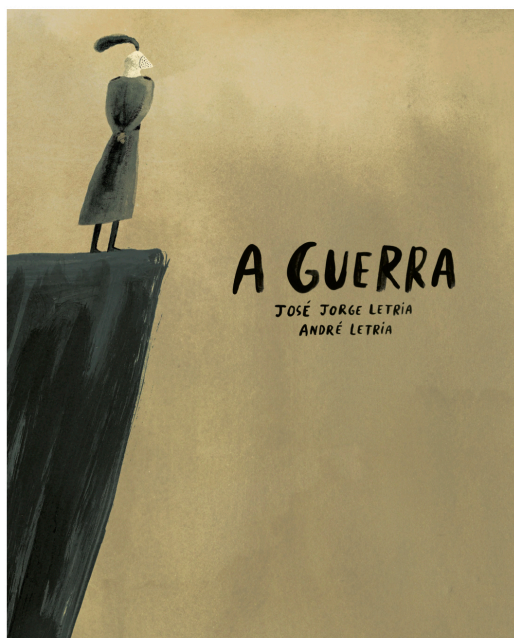
Pedro Salgado (ilustração científica)



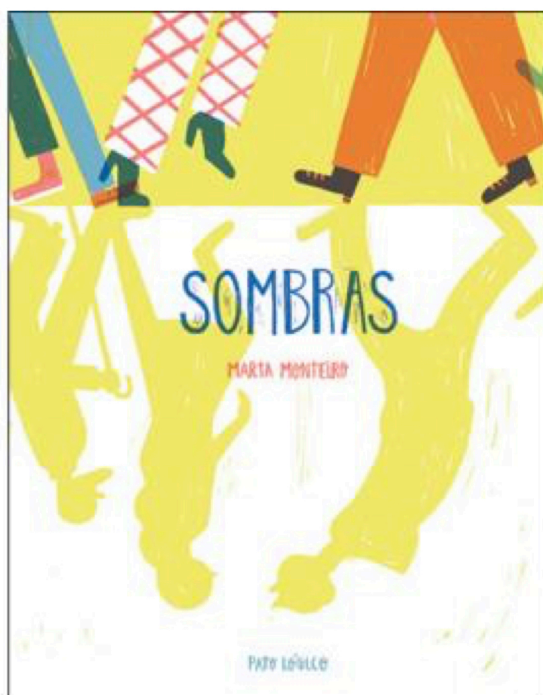
Mantraste (ilustração artística)



André Letria (ilustração editorial)



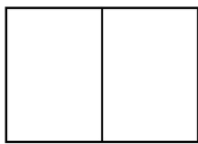
Marta Monteiro (ilustração editorial)



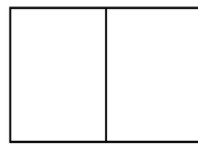
Proposta de ilustração

1. Lê com atenção o texto “ a verdadeira história dos três porquinhos, por A. Lobo”.
2. Depois de leres o texto, escolhe duas passagens contíguas para fazeres duas ilustrações, de dupla página.
3. Realiza os teus esboços no teu DG, tendo em conta o seguinte:

- As duas imagens são sequenciais;

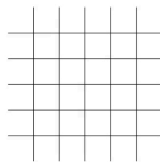


A4

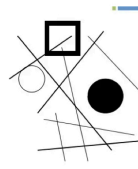


A4

- A dinâmica da composição;



Repouso

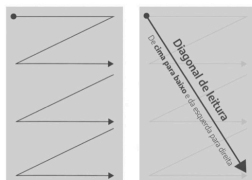


Tensão

- A caracterização física e psicológica das personagens;



- O espaço para inserir o texto.



4. Realiza as ilustrações finais, tendo em consideração o seguinte:

- utilizar papel cavalinho estrangeiro ou aguarela, de formato A4;
- utilizar materiais à escolha.
- que a ilustração seja original, expressiva e comunique de forma eficaz a mensagem seleccionada.
- que a ilustração mantenha coerência gráfica entre as duas imagens.

5. Tempo de realização:

5 aulas de 135 minutos.

6. Data de entrega:

23 / 27 de Maio 2024.

7. Critérios de Avaliação:

7.1. Originalidade da proposta	4 PT
7.2. Coerência gráfica	4 PT
7.3. Composição	4 PT
7.4. Expressividade	4 PT
7.5. Comunicação eficaz	4 PT

8. Fim da aula

Dar oportunidade aos alunos de explicitarem o que aprenderam, oralmente ou por escrito.

Bom Trabalho!

Anexo 3. Grelha de avaliação.

Nº MATIC.	NOME	1					2					3					4					nota final		
		Técnica					Criatividade e originalidade					Composição e design					Expressão e impacto visual							
		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5			
1					4					4						4					4			16
2				3				2						3					3					11
3						5				4							5				4			18
4					5					5						4						5		19
5					5				4					3						4				16
6					5				4								5					5		19
7				3					4							4			3					14
8																								
9				3					3							4					4			14
10			2						3					3					4					12
11				3					3						4				3					13
12				3					3						3				3					12
13						5					5					4						5		19
14				3					3							4			3					14
15				3					3							4					4			14
16																								
17					4						5						5				4			18
18				4						4						4					4			16
20				3					3						3				3					12
21				3					3						3				3					12
22					4						5						5					5		19
23					4					4						4					4			16
24					4					4						3					4			15

Anexo 4. Critérios de Avaliação de Desenho do 11ºano.

Dominios	Ponderação (1)	Descritores de desempenho por referência às aprendizagens essenciais (2)	Processos e Instrumentos de recolha de informação (3)
APROPRIAÇÃO E REFLEXÃO Conhecedor / sabedor / culto / informado (A, B, G, I, J) Criativo (A, C, D, J)	20%	Relaciona diferentes movimentos artísticos e respetivos critérios estéticos, integra os saberes adquiridos na sua reflexão/ação. Desenvolve a observação e a análise através do exercício sistemático de várias formas de registo (o esboço, o desenho de viagem e de diário gráfico, entre outras). Aprofunda conhecimentos sobre os elementos estruturais da linguagem plástica: forma (plano, superfície, textura, estrutura); cor/luz; espaço e volume (profundidade e sugestão da tridimensionalidade); movimento e tempo (cadência, sequência, repetição). Justifica o processo de conceção dos seus trabalhos, mobilizando conhecimentos, referenciando fontes de pesquisa e utilizando o vocabulário específico da linguagem visual. Avalia o trabalho realizado por si e pelos seus pares, justificando as suas opções relativamente aos processos desenvolvidos e utiliza critérios de análise fundamentados nos seus conhecimentos e em referências culturais e artísticas. Comunica, participativa e colabora. Integra o feed-back dos pares professores para reorientar o seu percurso. Revela Iniciativa própria na procura de informação/conhecimento.	Desenhos, concretizações, gráficas, ou objetos produzidos no âmbito da disciplina. Capacidade de compreensão conceptual Trabalho autónomo (pesquisas, análises e reflexões)
INTERPRETAÇÃO E COMUNICAÇÃO Crítico/Analítico (A, B, C, D, G)	25%	Emite juízos críticos sobre o que vê, manifesta interesse e evidencia os seus conhecimentos no contexto das atividades da disciplina. Experimenta, através do desenho, conceitos e temáticas próprias/as de manifestações artísticas contemporâneas. Seleciona modos de registo: traço (intensidade, textura, espessura, gradação, gestualidade e movimento), mancha (densidade, transparência, cor e gradação) e técnica mista (combinações entre traço e mancha, colagens, entre outros modos de experimentação), evidenciando um crescente domínio técnico e intencionalidade expressiva nos trabalhos que realiza. Seleciona os suportes e os materiais em função das suas características, adequando-os às ideias a desenvolver.	Participação em trabalhos e/ou projetos (envolvendo turma, escola e/ou a comunidade) que explorem temas transversais e integrem conteúdos de várias disciplinas, de forma a promover a reflexão participada e a ação proativa
Indagador/ Investigador (C, D, F, H, I)		Conhece referenciais da arquitetura, do design, da escultura e da pintura que explorem cânones (aritméticos e simbólicos, entre outros), percebe as relações entre estes e as diferentes épocas e contextos geográficos. Aprofunda os estudos da forma (proporção, desproporção, transformação) em diferentes contextos e ambientes, exercita a capacidade de registo das suas qualidades expressivas (expressão do movimento, dinamismo, espontaneidade e tensão, entre outras). Manifesta um progressivo domínio na realização, à mão livre, de exercícios de representação empírica do espaço que se enquadrem nos sistemas de representação convencionais. Manifesta um espírito crítico e analítico, sendo indagador e investigador. Revela organização no seu trabalho, é capaz de aplicar os conhecimentos em novas situações.	sobre questões identitárias e de cidadania democrática.) Relatórios, textos e apresentações Montagem de exposições
EXPERIMENTAÇÃO E CRIAÇÃO Sistematizador/ organizador (A, B, C, I, J) Questionador (A, F, G, I, J) Comunicador (A, B, D, E, H)	55%	É capaz de estabelecer uma relação dinâmica entre o aprender a Ver – a Criar e a Comunicar. Reconhece o desenho como uma das linguagens presentes em diferentes manifestações artísticas contemporâneas. Conhece diversas formas de registo. Estabelece relações entre os diferentes elementos da comunicação visual. Utiliza os princípios e o vocabulário específico da linguagem visual. Interpreta a informação visual e constrói novas imagens. Desenvolve o sentido crítico. Utiliza diferentes modos de registo: traço, mancha e técnica mista. Utiliza suportes diversos e explora as características específicas e possibilidades técnicas e expressivas de diferentes materiais. Produz registos gráficos de acordo com diferentes variáveis. É capaz de aplicar processos de síntese e de transformação/ composição. Compreende as potencialidades técnicas e expressivas dos meios digitais. Demonstra capacidade de proposto e a integração interpessoal. Apresenta o material necessário. Demonstra capacidade de leitura e interpretação crítica e autónoma de desenhos e imagens, seleciona informação pertinente. Demonstra capacidade de definir, conduzir e avaliar o trabalho em termos de objetivos, meios, processos e resultados pela utilização de métodos planificados e faseados na abordagem a cada unidade de trabalho. Evidencia empenho, perseverança, autonomia e autoexigência. Manifesta responsabilidade, sabe gerir adequadamente o tempo de aula, cumpre normas e prazos. Valoriza os saberes do outro, compreende as suas intenções e ajuda-o a expressar e argumentar as suas ideias.	Caderno de registo gráfico Diário gráfico Provas com caráter prático Portefólio (digital e físico) Grelha de observação direta

⁽¹⁾ A importância relativa que cada um dos dominios e temas assume nas Aprendizagens Essenciais refere-se às ponderações aplicáveis em contexto de Avaliação Sumativa no final de cada período.

⁽²⁾ As letras referem-se às Áreas de Competência enunciadas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória: A. Linguagens e textos; B. Informação e comunicação; C. Raciocínio e resolução de problemas; D. Pensamento crítico e pensamento criativo; E. Relacionamento interpessoal; F. Desenvolvimento pessoal e autonomia; G. Bem-estar, saúde e ambiente; H. Sensibilidade estética e artística; I. Saber científico, técnico e tecnológico; J. Consciência e domínio do corpo.

⁽³⁾ Os processos de recolha de informação serão adequados aos conteúdos abordados e às características dos alunos. O docente poderá optar por estes ou outros processos de recolha de informação que melhor se adaptem às necessidades educativas dos alunos, na perspetiva de um processo de ensino e aprendizagem diferenciado.

Anexo 5. Oferta Educativa Ano lectivo 2024/2025.



Educação Pré-Escolar Ensino Básico Ensino Secundário

Nova Oferta na Escola Básica de Lameiras (5.º e 7.º ano)

Ensino Artístico Especializado |
Curso Básico de Dança 2.º e 3.º
Ciclo.



**Agrupamento de Escolas
de Referência para a
Educação Bilingue de
Alunos Surdos**

Cursos Científico-Humanísticos

Artes Visuais
Ciências e Tecnologias
Ciências Socioeconómicas
Línguas e humanidade

Os Cursos Científico-Humanísticos destinam-se a alunos que pretendem o ingresso no ensino superior, devendo estar preparados para o prosseguimento de estudos numa licenciatura e/ou mestrado.

Cursos Profissionais

Técnico Auxiliar de Saúde
Técnico de Serviços Jurídicos
Técnico de Design e Comunicação
Gráfica
Técnico de Gestão e Programação
de Sistemas Informáticos
Técnico de Informática - Sistemas

Certificação escolar e profissional.
A conclusão de um Curso Profissional confere uma dupla certificação, diploma de nível secundário de educação (12º ano) e certificado de qualificação profissional de nível 4 do Quadro Nacional de Qualificações.

Condições de acesso

Os Cursos Profissionais destinam-se aos jovens que possuam o 3º ciclo do ensino básico ou equivalente (9º ano) ou um curso de nível secundário incompleto e tenham a idade máxima de 20 anos.

Clubes e Projetos

Projetos Erasmus+

Clubes

Artes, Cerâmica, ECOA, Teatro,
Europeu, Robótica, LGP, Música,
Ubuntu.

Desporto Escolar nas modalidades de: Xadrez, Natação, Badminton, Voleibol, Andebol, Atividades Rítmicas Expressivas, Desporto Adaptado, BTT-XO, Sobre Rodas, Escola Ativa.

Escola Ciência Viva. Bibliotecas Escolares.

Plano Nacional das Artes.
Dona Radio 2.0

ARTES VISUAIS

CURSO CIENTÍFICO-HUMANÍSTICO

Disciplinas	10º	11º	12º
Formação Geral			
Português	x	x	x
Língua Estrangeira I/II/III a)	x	x	
Filosofia	x	x	
Educação Física	x	x	x
Educação Moral e Religiosa (frequência opcional)	x	x	x
Formação Específica			
Desenho A	x	x	x
Opções b)			
Geometria Descritiva A	x	x	
Matemática B	x	x	
História da Cultura e das Artes	x	x	
Opções c)			
Oficina de Artes			x
Oficina Multimídia B			x
Materiais e Tecnologias			x
Opções d)			
Aplicações Informáticas B			x
Língua Estrangeira I, II ou III e)			x
Língua Gestual Portuguesa			x

a) O aluno escolhe uma língua estrangeira: Língua Estrangeira I: Inglês (continuação); Língua Estrangeira II: Espanhol (continuação) ou Francês (continuação); Língua Estrangeira III: Alemão (iniciação); Espanhol (iniciação) ou Francês (iniciação).
b) O aluno escolhe duas disciplinas bienais.
c), d) O aluno escolhe duas disciplinas anuais, sendo uma delas obrigatoriamente do conjunto de opções c).
e) O aluno deve escolher a língua estrangeira estudada na componente de formação geral, nos 10º e 11º anos.

CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS

CURSO CIENTÍFICO-HUMANÍSTICO

Disciplinas	10º	11º	12º
Formação Geral			
Português	x	x	x
Língua Estrangeira I/II/III a)	x	x	
Filosofia	x	x	
Educação Física	x	x	x
Educação Moral e Religiosa (frequência opcional)	x	x	x
Formação Específica			
Matemática A	x	x	x
Opções b)			
Biologia e Geologia	x	x	
Física e Química A	x	x	
Geometria Descritiva A	x	x	
Opções c)			
Biologia			x
Física			x
Química			x
Geologia			x
Opções d)			
Aplicações Informáticas B			x
Economia C			x
Língua Estrangeira I, II ou III e)			x
Psicologia B			x
Língua Gestual Portuguesa			x

a) O aluno escolhe uma língua estrangeira: Língua Estrangeira I: Inglês (continuação); Língua Estrangeira II: Espanhol (continuação) ou Francês (continuação); Língua Estrangeira III: Alemão (iniciação); Espanhol (iniciação) ou Francês (iniciação).
b) O aluno escolhe duas disciplinas bienais.
c), d) O aluno escolhe duas disciplinas anuais, sendo uma delas obrigatoriamente do conjunto de opções c).
e) O aluno deve escolher a língua estrangeira estudada na componente de formação geral, nos 10º e 11º anos.

CIÊNCIAS SOCIOECONÓMICAS

CURSO CIENTÍFICO-HUMANÍSTICO

Disciplinas	10º	11º	12º
Formação Geral			
Português	x	x	x
Língua Estrangeira I/II/III a)	x	x	
Filosofia	x	x	
Educação Física	x	x	x
Educação Moral e Religiosa (frequência opcional)	x	x	x
Formação Específica			
Matemática A	x	x	x
Opções b)			
Economia A	x	x	
Geografia A	x	x	
História B	x	x	
Opções c)			
Economia C			x
Geografia C			x
Sociologia			x
Opções d)			
Aplicações Informáticas B			x
Direito			x
Filosofia A			x
Língua Estrangeira I, II ou III e)			x
Psicologia B			x
Língua Gestual Portuguesa			x

a) O aluno escolhe uma língua estrangeira: Língua Estrangeira I: Inglês (continuação); Língua Estrangeira II: Espanhol (continuação) ou Francês (continuação); Língua Estrangeira III: Alemão (iniciação); Espanhol (iniciação) ou Francês (iniciação).
b) O aluno escolhe duas disciplinas bienais.
c), d) O aluno escolhe duas disciplinas anuais, sendo uma delas obrigatoriamente do conjunto de opções c).
e) O aluno deve escolher a língua estrangeira estudada na componente de formação geral, nos 10º e 11º anos.

LÍNGUAS E HUMANIDADES

CURSO CIENTÍFICO-HUMANÍSTICO

Disciplinas	10º	11º	12º
Formação Geral			
Português	x	x	x
Língua Estrangeira I/II/III a)	x	x	
Filosofia	x	x	
Educação Física	x	x	x
Educação Moral e Religiosa (frequência opcional)	x	x	x
Formação Específica			
História A	x	x	x
Opções b)			
Geografia A	x	x	
Latim A	x	x	
Língua Estrangeira I, II ou III	x	x	
Literatura Portuguesa	x	x	
Matemática Aplic. às Ciências Sociais	x	x	
Opções c)			
Filosofia A			x
Geografia C			x
Latim B			x
Língua Estrangeira I, II ou III e)			x
Literaturas de Língua Portuguesa			x
Psicologia B			x
Sociologia			x
Opções d)			
Aplicações Informáticas B			x
Direito			x
Economia C			x
Grego			x
Língua Gestual Portuguesa			x

a) O aluno escolhe uma língua estrangeira. No caso de o aluno dar continuidade às duas línguas estrangeiras estudadas no ensino básico, deve inserir-se a Língua Estrangeira I na componente de formação geral e a Língua Estrangeira II na componente de formação específica.
Se o aluno der continuidade a uma das línguas estrangeiras estudadas no ensino básico e iniciar uma nova língua estrangeira, esta deve integrar-se obrigatoriamente na componente de formação específica, inserindo-se, na componente de formação geral, uma das línguas estrangeiras já estudadas.
Se o aluno pretender apenas iniciar uma nova língua estrangeira, a mesma insere-se na componente de formação geral.
b) O aluno escolhe duas disciplinas bienais.
c), d) O aluno escolhe duas disciplinas anuais, sendo uma delas obrigatoriamente do conjunto de opções c).
e) O aluno pode escolher a língua estrangeira estudada na componente de formação geral, ou a língua estrangeira estudada na componente de formação específica nos 10º e 11º anos.

CURSOS CIENTÍFICO-HUMANÍSTICOS

Portaria 226-A/2018 de 7 de agosto (Anexo VI)

		CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS	CIÊNCIAS SOCIOECONÓMICAS
O aluno escolhe duas disciplinas do grupo 1 ou uma disciplina do grupo 1 e outra do grupo 2	Grupo 1	Biologia e Geologia	Economia A
		Física e Química A	Geografia A
		Geometria Descritiva A	a) História B
O aluno escolhe uma disciplina do grupo 1 e outra do grupo 2	Grupo 2	Economia A	Biologia e Geologia
		Geografia A	Física e Química A
		História B	Geometria e Descritiva A
		Latim A	Latim A
		Línguas Estrangeiras II ou III	Línguas Estrangeira II ou III
		Literatura Portuguesa	Literatura Portuguesa
		História da Cultura das Artes	a) História da Cultura das Artes

a) Pares de disciplinas que não podem ser escolhidas simultaneamente.

CURSOS CIENTÍFICO-HUMANÍSTICOS

Portaria 226-A/2018 de 7 de agosto (Anexo VI)

		LÍNGUAS E HUMANIDADES	ARTES VISUAIS
O aluno escolhe duas disciplinas do grupo 1 ou uma disciplina do grupo 1 e outra do grupo 2	Grupo 1	Línguas Estrangeira II / III	b) Matemática B
		Geografia A	a) História da Cultura das Artes
		Latim A	Geometria Descritiva A
		Literatura Portuguesa	
O aluno escolhe uma disciplina do grupo 1 e outra do grupo 2	Grupo 2	b) Matemática Aplicada às Ciências Sociais	
		Biologia e Geologia	Biologia e Geologia
		Geografia A	Física e Química A
		Física e Química A	Geografia A
		Geometria e Descritiva A	Latim A
		Economia A	Línguas Estrangeira II ou III
		b) Matemática B	Economia A
			Literatura Portuguesa
			b) Matemática Aplicada às Ciências Sociais
			a) História B

a), b) Pares de disciplinas que não podem ser escolhidas simultaneamente.

TÉCNICO AUXILIAR DE SAÚDE

CURSO PROFISSIONAL

O Técnico Auxiliar de Saúde é o profissional qualificado apto a desempenhar tarefas sob orientação do profissional de saúde. Auxilia na prestação de cuidados de saúde aos utentes, na recolha e transporte de amostras biológicas, na limpeza, higienização e transporte de roupas, materiais e equipamentos, na limpeza e higienização dos espaços e no apoio logístico e administrativo das diferentes unidades e serviços de saúde.

Componentes de Formação	Disciplinas	Horas
Sociocultural	Português	320
	Língua Estrangeira I, II ou III a)	220
	Área de Integração	220
	Educação Física	140
	Tec. da Informação e Comunicação	100
Científica	Matemática	200
	Física e Química	150
	Biologia	150
Técnica	DTI - Saúde	350
	DTII - Gestão e Org. dos Serviços e Cuidados de Saúde	200
	DTIII - Comunicação e Relações Interpessoais	175
	DTIV - Higiene, Segurança e Cuidados Gerais	450
	Formação em Contexto de Trabalho	600
	Educação Moral e Religiosa b)	81

a) O aluno escolhe uma língua estrangeira. Se tiver estudado apenas uma língua estrangeira no ensino básico, iniciará obrigatoriamente uma segunda língua no ensino secundário. Nos programas de iniciação adotam-se os seis primeiros módulos.

b) Disciplina de oferta obrigatória mas de frequência facultativa.

TÉCNICO DE SERVIÇOS JURÍDICOS

CURSO PROFISSIONAL

O Técnico de Serviços Jurídicos é o profissional qualificado apto a desempenhar tarefas administrativas e processuais, de apoio à atividade desenvolvida nos Tribunais/Julgados de Paz, nos Cartórios Notariais, nas Conservatórias de Registos, nos Escritórios de Advogados e Solicitadores e nos Gabinetes Jurídicos das Empresas/Instituições.

Componentes de Formação	Disciplinas	Horas
Sociocultural	Português	320
	Língua Estrangeira I, II ou III a)	220
	Área de Integração	220
	Educação Física	140
	Tec. da Informação e Comunicação	100
Científica	Matemática	100
	Direito	200
	Economia	200
Técnica	DTI - Direito Processual	600
	DTII - Org. Judiciária e Práticas Registral/Notarial	250
	DTIII - Informática e Contabilidade Judiciais	150
	DTIV - Tec. de Administração, Atend. e Rel. Públicas	200
	Formação em Contexto de Trabalho	600
	Educação Moral e Religiosa b)	81

a) O aluno escolhe uma língua estrangeira. Se tiver estudado apenas uma língua estrangeira no ensino básico, iniciará obrigatoriamente uma segunda língua no ensino secundário. Nos programas de iniciação adotam-se os seis primeiros módulos.

b) Disciplina de oferta obrigatória mas de frequência facultativa.



TÉCNICO DE DESIGN DE COMUNICAÇÃO GRÁFICA

CURSO PROFISSIONAL

O Técnico de Design de Comunicação Gráfica é o profissional qualificado e apto a construir soluções criativas de comunicação visual, através da captação, conceção, maquetização e produção de objetos gráficos bi e tridimensionais para suportes impressos ou para ecrã, bem como preparar a arte final para a impressão ou exibição.

Componentes de Formação	Disciplinas	Horas
Sociocultural	Português	320
	Língua Estrangeira I, II ou III a)	220
	Área de Integração	220
	Educação Física	140
	Tec. da Informação e Comunicação	100
Científica	Matemática	100
	Geometria Descritiva	200
	História da Cultura e das Artes	200
Técnica	DT I - Desenho e Comunicação Visual	175
	DT II - Design Gráfico	475
	DT III - Oficina Gráfica	450
	Formação em Contexto de Trabalho	600
	Educação Moral e Religiosa b)	81

a) O aluno escolhe uma língua estrangeira. Se tiver estudado apenas uma língua estrangeira no ensino básico, iniciará obrigatoriamente uma segunda língua no ensino secundário. Nos programas de iniciação adotam-se os seis primeiros módulos.

b) Disciplina de oferta obrigatória mas de frequência facultativa.

TÉCNICO DE GESTÃO E PROGRAMAÇÃO DE SISTEMAS INFORMÁTICOS

CURSO PROFISSIONAL

O Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos é o profissional qualificado com competências para realizar atividades de conceção, especificação, projeto, implementação, avaliação, suporte e manutenção de sistemas e de tecnologias de processamento e transmissão de dados e informações.

Componentes de Formação	Disciplinas	Horas
Sociocultural	Português	320
	Língua Estrangeira I, II ou III a)	220
	Área de Integração	220
	Educação Física	140
	Tec. da Informação e Comunicação	100
Científica	Matemática	300
	Física e Química	200
	Sistemas Operativos	134
Técnica	Arquitetura de Computadores	142
	Redes de Comunicação	235
	Programação e Sistemas de Informação	589
	Formação em Contexto de Trabalho	600
	Educação Moral e Religiosa b)	81

a) O aluno escolhe uma língua estrangeira. Se tiver estudado apenas uma língua estrangeira no ensino básico, iniciará obrigatoriamente uma segunda língua no ensino secundário. Nos programas de iniciação adotam-se os seis primeiros módulos.

b) Disciplina de oferta obrigatória mas de frequência facultativa.



Cofinanciado pela
União Europeia



EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E INOVAÇÃO



Cofinanciado pela
União Europeia



EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E INOVAÇÃO

TÉCNICO DE INFORMÁTICA - SISTEMAS

CURSO PROFISSIONAL

O Técnico de Informática-Sistemas é o profissional com competências para efetuar a instalação, a configuração e a manutenção de ferramentas, equipamentos e sistemas informáticos, suportados em diferentes plataformas e sistemas operativos, e proceder à gestão e administração de base de dados e ao desenvolvimento de software, assegurando a otimização do seu funcionamento e respeitando as normas de segurança, higiene e saúde no trabalho e de proteção do ambiente.

Componentes de Formação	Disciplinas	Horas
Sociocultural	Português	320
	Língua Estrangeira I, II ou III a)	220
	Área de Integração	220
	Educação Física	140
	Tec. da Informação e Comunicação	100
Científica	Matemática	300
	Física e Química	200
	Aplicações Informáticas	125
Técnica	Arquitetura de Computadores e Sistemas Operativos	75
	Redes de Comunicação	200
	Linguagens de Programação	200
	Programação Web	200
	Sistemas de Informação	225
	Formação em Contexto de Trabalho	600
	Educação Moral e Religiosa b)	81

a) O aluno escolhe uma língua estrangeira. Se tiver estudado apenas uma língua estrangeira no ensino básico, iniciará obrigatoriamente uma segunda língua no ensino secundário. Nos programas de iniciação adotam-se os seis primeiros módulos.

b) Disciplina de oferta obrigatória mas de frequência facultativa.



Cofinanciado pela
União Europeia



EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E INOVAÇÃO





Anexo 6. Parque Escolar D.Maria II.

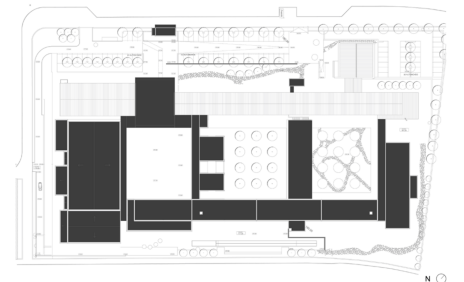
038

ESCOLA SECUNDÁRIA

BRAGA

D. MARIA II

Programa de Modernização das Escolas do Ensino Secundário



LEGENDA: PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

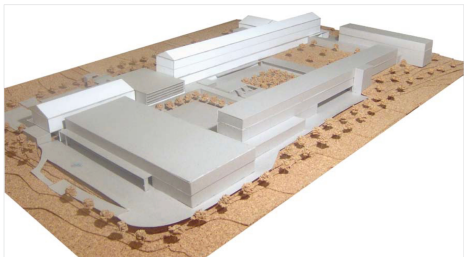
■ CONSTRUÇÃO NOVA



ALÇADO NORTE



ALÇADO SUL



TIPOLOGIA DE ESCOLA: MOP | JCETS – LICEU

NOME: ESCOLA SECUNDÁRIA D. MARIA II

LOCALIZAÇÃO: BRAGA

CAPACIDADE PREVISTA: 67 TURMAS

ARQUITECTURA | COORDENAÇÃO DE PROJECTO: ANTÓNIO ALBERTO MARTINS

DATA DO PROJECTO: FASE 2A | 2008-2009

EQUIPAS DE PROJECTO

FUNDAÇÕES | ESTRUTURAS: BOASSOCIADOS - Projectos de Engenharia, Lda.

ÁGUAS | ESGOTOS: BOASSOCIADOS - Projectos de Engenharia, Lda.

GÁS: BOASSOCIADOS - Projectos de Engenharia, Lda.

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS: OHM-E - Gabinete de Engenharia Electrotécnica, Lda.

SEGURANÇA INTEGRADA: OHM-E - Gabinete de Engenharia Electrotécnica, Lda.

CLIMATIZAÇÃO: A. COSTA PEREIRA - Gestão de Energia Térmica, Lda.

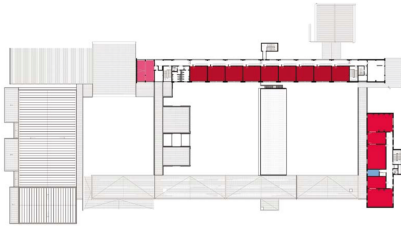
CERTIFICAÇÃO ENERGÉTICA: A. COSTA PEREIRA - Gestão de Energia Térmica, Lda.

ACÚSTICA: PROFESSOR ENGENHEIRO VASCO PEIXOTO DE FREITAS, Lda.

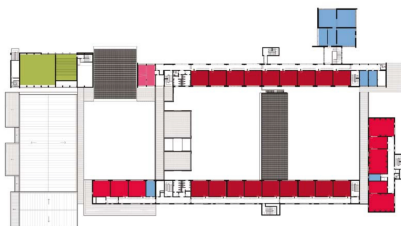
RESÍDUOS SÓLIDOS: BOASSOCIADOS - Projectos de Engenharia, Lda.

PLANO SEGURANÇA E SAÚDE: BOASSOCIADOS - Projectos de Engenharia, Lda.

PAISAGISMO: AROT. OF - Arquitectos Associados, Lda.



PISO 3



PISO 2



PISO 1



PISO 0

LEGENDA: PISO 0 | PISO 1 | PISO 2 | PISO 3

- | | | |
|-------------------------|-----------------------------|------------------------------|
| ■ SALA DE AULAS | ■ ÁREA DESPORTIVA | ■ ÁREA DE DOCENTES |
| ■ CIÊNCIA E TECNOLOGIAS | ■ ÁREA SOCIAL RESTAURAÇÃO | ■ ÁREA ADMINISTRATIVA |
| ■ ARTES | ■ BIBLIOTECA POLIVALENTE | ■ CENTRO NOVAS OPORTUNIDADES |
| ■ OFICINAS | | |

PARQUE ESCOLAR

Edificação